



Um aspecto do grande comício realizado no Barreiro no passado domingo para encerramento do IX Congresso do PCP e a que assistiram os chefes das delegações dos partidos irmãos e amigos que estiveram no Barreiro e os elementos do Comité Central do nosso Partido eleito pelo Congresso

MAIS DE CEM MIL PESSOAS NO COMÍCIO DE ENCERRAMENTO DO IX CONGRESSO DO PCP

A Festa
do **Avante!**
vai realizar-se

7, 8 e 9 de Setembro
em Lisboa
no Alto da Ajuda

A EP
já está à venda!

Já no sábado
começamos a trabalhar



- O Grupo Parlamentar do PCP apresentou a moção de censura ao Governo — Pag. 10
- Na discussão do OGE, PS, CDS e PPD retiram 15 milhões de contos às autarquias — Pags. 2 e 10

Entrevistas:

A situação no Vietnam, no Afeganistão, no lemen do Norte e lemen do Sul, na Etiópia, no Irão e na Palestina expostas ao «Avante!» pelas delegações ao IX Congresso — Pag. 9

COMÍCIOS

No sábado, às 15 e 30 no

Palácio de Cristal, no Porto, com os camaradas Jaime Serra, Ângelo Veloso e Dinis Miranda para apresentação das conclusões do IX Congresso

No domingo, às 18 e 30,

em S. Domingos de Rana, na Grande Festa da Unidade (que começa no sábado) com o camarada Álvaro Cunhal

No sábado, dia 16, em

Braga, na Festa da Alegria, com o camarada Álvaro Cunhal

BRAGA 15 a 17 de JUNHO
PARQUE MUNICIPAL DE EXPOSIÇÕES

Festa da Alegria

COMISSÃO DISTRITAL DE BRAGA DO PCP 



Editorial

PONTO DE ARRANQUE PARA NOVAS METAS

O IX Congresso do PCP que no domingo encerrou os seus trabalhos no Pavilhão da Quimigal, no Barreiro, é, a um tempo, um trecho palpante da história de um grande partido operário, provado em mil batalhas de classe, estreitamente vinculado às realidades do seu País e do seu Povo e a expressão singular de uma vasta força organizada, virada para a construção do futuro da sua pátria.

Quem viveu a elevada democraticidade dos debates para a elaboração das Teses — depois transformadas em Resolução Política pela aprovação unânime do Congresso — quem acompanhou de perto a eleição dos delegados e, no Barreiro, se deu conta da complexidade e envergadura dos trabalhos e problemas técnicos de implantação e instalações, essenciais ao bom funcionamento do Congresso, e mesmo do vigor artístico das decorações e da entusiástica participação popular que tornou possível tudo isso; quem viu depois perpassar pela tribuna os homens, mulheres e jovens que ali vieram com simplicidade, mas com firmeza e um saber de experiências feito, traçar o quadro exaltante de uma rica experiência colectiva; quem se debruçou com atenção sobre os rostos vincados pela atenção e fraternidade daqueles quase dois milhares de congressistas ao trabalho, cada um valendo por cem, e, sobretudo, quem viveu a emotiva alegria cintilante daquela revoada de Ploneiros em saudação ao Congresso, teve a directa percepção de que o PCP não é apenas a força determinante do novo Portugal democrático saído da Revolução de Abril mas também o potente motor das transformações políticas, sociais, económicas e culturais que abrirão o caminho ao Portugal livre, independente e socialista de amanhã.



O IX Congresso do PCP pôs em relevo as diferenças abissais que separam os que arrostam com desmedidas dificuldades de toda a ordem levantadas pelos serventários do grande capital e do imperialismo — os que abnegadamente constroem o futuro do nosso País — e das forças retrógradas do passado que maneando alavancas sensíveis do poder político se empenham numa ofensiva furiosa que visa a destruição das conquistas fundamentais de Abril.

O Congresso do Barreiro realiza-se numa conjuntura marcada pela acção nefasta e a própria existência do Governo de direita Mota Pinto/PPD/CDS em plena

decomposição — factores de rápido apodrecimento da crise política — e pelo auge da força e amplitude do movimento popular e democrático.

A história destes três anos que mediam desde o VIII Congresso de 1976 até aos dias de hoje, é a da degradação acelerada da política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista praticada por sucessivos governos e partidos enfeudados a forças e interesses alheios a Portugal e ao 25 de Abril, com o consequente esboramento das suas bases de apoio social e político, em contraste com o ímpeto, a consciencialização, a organização e a mobilização dos trabalhadores, das classes e camadas médias do povo, de todos os patriotas portugueses que aspiram à liberdade, ao pleno florescimento das instituições democráticas, à independência nacional, à defesa e consolidação do património revolucionário do 25 de Abril.

Nas diversas frentes de luta e de acção popular a nota dominante é do fortalecimento e engrandecimento das forças da democracia e da liberdade em Portugal.

Nestes três anos o Movimento Sindical unido, sob a égide da CGTP-IN, alargou-se a novas dezenas de sindicatos e centenas de milhares de trabalhadores; derrotas sobre derrotas foram infligidas aos divisionistas da Carta Aberta e da UGT; grandes vitórias foram alcançadas pela classe operária na luta pelo melhoramento das suas condições de vida e de trabalho, pelos seus direitos e garantias, para as quais contribuíram decisivamente milhares de Comissões de Trabalhadores e os seus organismos de coordenação.

Os órgãos do poder local dirigidos pelos mais fiéis representantes do Povo, personificados pela APU, em estreita conjugação com as Comissões de Moradores e outros organismos populares específicos, grangearam pela sua acção dinâmica na solução dos problemas locais um enorme prestígio no seio das populações. O caciquismo perdeu terreno e força.

Os movimentos das mulheres, da juventude, dos reformados, o movimento camponês, conheceram assinalados êxitos, agruparam e mobilizaram muitos milhares de portugueses.

Nas UCPs, nas empresas nacionalizadas e intervenionadas, nas cooperativas, o trabalho criador de milhares de trabalhadores e os sucessos da produção, apesar das obstruções, sabotagens e violências de governantes antipopulares e do patronato, criou-se uma nova frente do movimento de

massas de uma importância decisiva para a defesa e consolidação das conquistas de Abril.

Quanto ao PCP, a rota é de sucessos incomparáveis: de 115 000 membros em Novembro de 76 passou para 164 700 em Abril de 79 — mais cerca de 44% a que devem acrescentar-se mais 30 000 jovens comunistas da UJC e da UEC.

É o balanço exaltante destas realizações e vitórias — que Álvaro Cunhal faria de maneira apurada no termo dos trabalhos e no extraordinário início de mais de 100 000 pessoas que se lhes seguiu — e também de insuficiências e falhas, inevitáveis numa caminhada de dimensões históricas, juntamente com uma inabalável confiança nas próprias forças e no futuro, que trouxeram ao IX Congresso do PCP o optimismo e o brilho que fizeram dele uma das mais assinaláveis jornadas do rico historial de luta dos comunistas portugueses.



Um balanço exaltante, uma jornada excepcional impregnada de optimismo e confiança no futuro, mas agora a conquista do futuro coloca na ordem do dia até ao próximo Congresso uma exigência nova, impreterível.

Chama-se cumprimento das decisões, materialização da Resolução Política do Congresso.

O IX Congresso tem de ser agora, e será, um ponto de arranque para a realização prática das grandes tarefas apontadas.

O grande Partido que se mostrou como um dinâmico organizador na preparação do seu IX Congresso tem agora de estar à altura de lhe dar a sequência lógica.

Aos congressistas — homens, mulheres e jovens; operários, camponeses, empregados, intelectuais e outros — uma imediata obrigação se põe: dar contas aos camaradas que os elegeram da honrosa missão de que os incumbiram no Congresso. A força superiormente organizada que é o Partido vai também ser de novo posta à prova no esclarecimento político de massas do significado da grande assembleia do Barreiro.

Cada militante tem agora o dever de estudar os materiais do Congresso, de encontrar com o seu colectivo de trabalho as formas práticas de dar cumprimento às suas decisões capitais.

Os trabalhadores esperam dos

comunistas uma resposta adequada, elaborada e clara para os seus agudos problemas. As reuniões dos organismos em todos os escalões do Partido, o planeamento e convocação de plenários e assembleias das organizações diversas são passos primeiros e necessários para inserir as decisões do Congresso na vida.

A «Plataforma para uma alternativa democrática» incluída na Resolução Política do Congresso, as linhas gerais de uma larga acção a continuar e a desenvolver, contém matéria que é preciso adaptar às condições específicas, concretas, de cada empresa, de cada sector profissional, de cada região e local, de cada frente de trabalho, sem esquematismos, com inteligência e espírito aberto, com os olhos postos na unidade e na defesa dos interesses dos trabalhadores e das camadas populares mais vastas.

Ao mesmo tempo defender as grandes conquistas da Revolução — a Reforma Agrária, as nacionalizações, o controlo de gestão, as liberdades essenciais.

Uma alternativa democrática para a crise económica, social e política; a garantia das liberdades e da democracia política; o desenvolvimento económico na base das conquistas de Abril; o melhoramento das condições de vida material e cultural do povo; uma política de independência nacional; a rectificação das decisões ilegais, uma plataforma e um programa de Governo; a defesa da Constituição e a sua revisão constitucional; o desenvolvimento da democracia política na perspectiva do socialismo, são grandes linhas de acção que é preciso objectivar no terreno prático.

O trabalho colectivo é a base necessária da operosidade e eficiência da organização, a dinâmica de massas é o vínculo essencial de toda a acção do Partido e de realização prática das decisões do Congresso.

Ao mesmo tempo alargar e reforçar o Partido, melhorar o trabalho ideológico, aumentar a adesão de novos militantes, melhorar o conteúdo e o funcionamento colectivo de cada organismo e organização, melhorar as presenças e a participação de novos quadros no trabalho geral do Partido e em cada frente de actividade. Recrutar e promover audaciosamente as mulheres e os jovens. Preparar o Partido e as massas para as grandes batalhas políticas que se avizinham.

O IX Congresso é um poderoso factor de dinamização do movimento operário popular de massas, de dinamização do Partido.

Cumpramos as decisões do Congresso. «Ao trabalho que a terra está madura de semente!»

As autarquias locais defraudadas

1 — A Assembleia da República acaba de debater e aprovar as disposições da Lei do Orçamento Geral do Estado para 1979 relativas às Finanças Locais.

É com indignação que o PCP verifica que, na esteira das posições do Governo Mota Pinto, o PS, o PPD e o CDS impuseram uma solução que defraudou as autarquias em mais de metade das receitas para investimentos a que têm direito face à Lei de Finanças Locais (em vez dos 29,2 milhões de contos a que a Lei n.º 1/79 obrigava, a Lei do OGE de Mota Pinto/PS/PPD/CDS prevê apenas 14 milhões de contos). Ao mesmo tempo estes partidos rejeitaram

a proposta do PCP que estabelecia o cumprimento integral da Lei de Finanças Locais.

2 — O argumento utilizado por esses partidos segundo o qual as autarquias locais apenas teriam metade do ano para investir os recursos a que têm direito, é completamente destituído de fundamento por várias razões.

Por um lado as autarquias locais, para darem uma resposta mínima a carências mais importantes das populações, contraíram dívidas junto de empreiteiros, fornecedores e outras entidades, na expectativa da integral aplicação da Lei de Finanças

Locais. Por outro lado, os recursos para investimentos previstos como mínimo na Lei de Finanças Locais são de direito das autarquias competindo a estas a sua administração, incluindo a decisão da sua utilização em anos futuros. A decisão de não transferir a totalidade dos recursos a que as autarquias têm direito, constitui um precedente lamentável em relação a anos futuros em que se verifique a aprovação do OGE fora dos prazos normais.

3 — Certo de interpretar os sentimentos das populações e dos membros dos órgãos de poder local e com a autoridade de quem sempre se pronunciou claramente

pelo respeito integral pela Lei de Finanças Locais, o PCP protesta vivamente contra tal decisão e lamenta que as forças políticas que estão na sua base (PS, PPD e CDS) tenham desrespeitado as suas promessas e declarações anteriores e as expectativas dos eleitos nas suas próprias listas, votando agora contra a aplicação integral da Lei de Finanças Locais.

Lisboa, 5 de Junho de 1979

A Secção de Informação e Propaganda do Partido Comunista Português

De novo a Festa do «Avante!» vai conquistar o entusiasmo de milhares de camaradas!

Este ano os bonzos instalados no Governo impediram-nos de utilizar o belo enquadramento do Jamor para a festa mais humana de Portugal — disse, no Congresso o camarada Dias Lourenço, director do «Avante!». Falava como é claro tanto para os comunistas como para todos os trabalhadores e democratas, da Festa do «Avante!».

Mas este impedimento não é uma situação nova. Já nos tinham retirado a FIL, onde em 1976 a primeira Festa encontrou, de resto, um espaço curto demais para as manifestações culturais e políticas a que os comunistas entendem terem os trabalhadores portugueses direito.

A Festa do «Avante!», entretanto, está enraizada demais na tradição, já é uma tradição no Portugal democrático, há razões fortes de mais para realizá-la todos os anos e trazer ao convívio fraterno, às grandes jornadas onde a cultura e a política, viradas para um futuro melhor, são o motivo que leva centenas de milhares de portugueses a confraternizar durante alguns dias, todos os anos, em Setembro.

E este ano, em Setembro, lá estaremos de novo! Em 7, 8 e 9 desse mês faremos de novo a Festa!

Fá-la-emos dentro da cidade de Lisboa no enquadramento proletário da sua zona ocidental no verde pano de fundo de Monsanto e com o Tejo aos pés. E fá-la-emos, camaradas! — afirmou ainda o director do «Avante!». A Festa do «Avante!» não traduz apenas a imagem política e humana do PCP, a capacidade realizadora e criativa dos comunistas — é também já a afirmação de uma nova cultura virada para o povo, recolhida do povo, que se tornou num acontecimento nacional e internacionalista de enorme repercussão. Este ano será de novo uma grande realização popular e democrática estreitamente ligada às soluções que apontamos para os problemas do nosso povo. Mas, camaradas, este ano também sérios obstáculos teremos de vencer. E havemos de vencê-los.

Havemos de vencê-los. E para isso temos o encontro marcado, já no próximo fim-de-semana, no Alto da Ajuda, no local que conseguimos. Havemos de vencer os obstáculos com a confiança que nos deram os êxitos alcançados nos três anos passados, com a experiência do trabalho desses anos, com o entusiasmo que conseguimos conquistar no apoio de centenas de milhares de visitantes. A Festa do «Avante!», a festa dos

trabalhadores, do povo, dos democratas, será este ano maior e mais bela ainda!

O primeiro passo a dar é a organização. É preparar o terreno, delimitar as realizações segundo as possibilidades, não cortando as asas à imaginação e à criatividade. Há que lançar mãos às ferramentas para desbravar novos terrenos e conquistar espaços, deitar os fundamentos às estruturas da nossa Festa.

Só um partido de trabalhadores, um partido onde a classe operária é a maioria e está virado para os seus ideais, um partido onde o trabalho é a realidade e a alegria de construir, pode não recuar as tarefas que temos pela frente. Vamos deitar mãos ao trabalho!

Múltiplas tarefas nos esperam. Propagandear a Festa, organizar brigadas de trabalho, arrancar aos fins-de-semana para o Alto da Ajuda, enfrentar as dificuldades que se nos colocam, pegar nas ferramentas, instalar, ordenar, construir, decorar, transformar uma clareira de mata numa nova cidade com os seus baldios que representam o país e as lutas que por toda a parte se desenvolvem e nos anunciam tempos melhores.

E também organizar a vinda de muitos milhares de portugueses, aos primeiros dias de Setembro, à nova

Festa! Distribuir e vender as tradicionais EPs, que é como quem diz permitir, a um preço mais fácil, o acesso durante os dias da Festa, a todos os que queiram assistir aos muitos espectáculos que vão ter lugar.

Muitos nomes, entre os tão conhecidos que já a amizade nos liga de os conhecermos bem das festas populares que o Partido promove, muitos nomes, entre os novos que esta Festa do «Avante!» vai proporcionar conhecer, muitos

artistas vão também apresentar-nos as suas obras e com elas fazer-nos participar na cultura. Muitas exposições, apresentando a realidade, nos seus aspectos difíceis e duros que vivemos, vão indicar-nos os caminhos não menos difíceis que temos de trilhar, acompanhados de certezas, de esperanças, da confiança que nos dá a experiência. Muita fraternidade nos vai dar a convivência com os milhares de visitantes, que vão viver connosco três dias que, como os que no passado vivemos, não havemos de esquecer.

O camarada Álvaro Cunhal, ao apresentar o Relatório de Actividades do CC ao IX Congresso, afirmou que, apesar das dificuldades, o Partido decidira fazê-la. E os aplausos dos milhares de delegados e convidados presentes mostraram bem como essa decisão era aprovada por todo o Partido.

Ao trabalho, pois, camarada!

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Souto Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 768345.

ADMINISTRAÇÃO: Editorial Avante, S.A.R.L., Av. Santos Dumont, 57-2.º Esq. — 1000 Lisboa. Tel. 778923.

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Souto Pereira Gomes — 1699 Lisboa-CODEX. Tel. 768345/778923.

DISTRIBUIÇÃO:

CDL, Central Distribuidora Livraria, S.A.R.L. Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57-2.º Esq. — 1000 Lisboa. Tel. 778923/779825.

Centro Distribuidor de Lisboa: Rua Av. Santos Dumont, 57-C/V — 1000 Lisboa. Tel. 769705. (Abrange os distritos de Lisboa, Santarém e Setúbal).

Casa de Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 — 1200 Lisboa. Tel. 372238.

Centro Distribuidor do Norte: R. Miguel Bombarda, 578 — 4000 Porto. Tel. 28638.

Casa de Venda: R. do Almada, 18-2.º Esq. — 4000 Porto. Tel. 310441.

Centro Distribuidor do Centro: Rua 1.º de Maio 186, Pedruiça — 3000 Coimbra. Tel. 31286.

Centro Distribuidor do Alentejo: Alcaçova de Baixo, 13 — 7000 Évora. Tel. 26361.

Centro Distribuidor do Algarve: Rua 1.º de Dezembro, 23 — 8000 Faro. Tel. 24417.

ASSINATURAS:

Av. Santos Dumont, 57-2.º Esq. — 1000 Lisboa. Tel. 778923.

PUBLICIDADE CENTRAL:

Av. Santos Dumont, 63-A — 1000 Lisboa. Tel. 776936/776750. Porto — Rua do Almada, 18-2.º Esq. — 4000 Porto. Tel. 381037.

EXPEDIÇÃO:

R. João de Deus, 24 — Venda Nova — 2700 Amadora. Tel. 900044.

Composto e impresso na Heskia Portuguesa R. Elias Garcia, 27 — Venda Nova — 2700 Amadora.

Tiragem média do mês de Abril: 88 650



à venda



REVISTA INTERNACIONAL

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO

Resolução política do IX Congresso do PCP

O período compreendido entre o VIII e o IX Congresso do PCP fica assinalado na história da revolução portuguesa pelo prosseguimento e desenvolvimento de uma intensa, áspera e prolongada batalha entre diferentes forças políticas e sociais, as que lutam pela defesa, consolidação e aprofundamento das conquistas do 25 de Abril, e as que procuram o regresso ao passado de repressão, opressão e exploração que durante décadas marcou a vida dos portugueses.

O Portugal de Abril esteve submetido a uma furiosa e crescente ofensiva visando destruir todas as grandes transformações alcançadas com a revolução e liquidar o regime democrático consagrado na Constituição da República.

As nacionalizações, a Reforma Agrária, o controlo de gestão, os direitos e liberdades dos cidadãos, a melhoria das condições de vida do povo, as instituições democráticas do país, os interesses da economia nacional, as organizações de trabalhadores, a independência de Portugal — tudo o que foi conquistado com a luta e a acção generosa dos capitães de Abril e das massas populares — enfrentaram um ataque global e sistemático e uma onda de violências, ilegalidades, prepotências e arbitrariedades.

A política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista, visando restaurar o poder económico e político das classes cujos interesses o fascismo durante 48 anos serviu, mostrou-se na sua verdadeira face: **uma política de ódio profundo ao 25 de Abril e à democracia, uma política de desprezo e hostilidade para com os trabalhadores e o povo, uma política estranha e oposta às novas realidades económicas, sociais e políticas, uma política de desastre e ruína nacional, uma política incapaz de dar resposta aos problemas e aos anseios dos portugueses.**

A política de recuperação capitalista saldou-se por um duplo e rotundo fracasso. Prometera, em palavras a recuperação económica, o bem-estar do povo e o progresso nacional. Mas redundou em gravíssimos prejuízos para o País, em enormes e dramáticos sofrimentos e dificuldades impostos ao povo português, no agravamento acelerado e brutal dos principais problemas nacionais, na crescente e humilhante submissão e dependência de Portugal perante o imperialismo. Propunha-se liquidar as conquistas da revolução e destruir o regime democrático. Mas, embora ameaçadas e golpeadas, as históricas e profundas transformações sociais e políticas da sociedade portuguesa continuam vivas e de pé na realidade nacional, demonstrando o carácter objectivo das novas realidades económicas criadas pela revolução.

O fracasso completo da política de recuperação capitalista constitui uma exaltante confirmação da força imensa e indestrutível da luta abnegada e heróica dos trabalhadores e do povo.

Exercendo de forma activa e responsável os direitos e liberdades inscritos na Constituição, milhões de portugueses — em greves e manifestações, concentrações e reuniões, em milhares de pequenas e grandes lutas, contribuindo directamente para a solução dos problemas, participando nas suas organizações de classe e de massas, intervindo activamente no processo político democrático de eleição dos órgãos de poder constitucional, em múltiplas e criadoras formas de intervenção, junto dos órgãos de soberania — deram a sua voz, os seus braços, a sua vontade, a sua inteligência, o seu patriotismo e os seus sentimentos generosos à grande batalha em defesa do regime democrático constitucional e das realizações e esperanças do 25 de Abril.

Rico de energias e combatividade, abarcando um vasto conjunto de classes e camadas sociais, portador de um valioso património de experiências, afirmou-se crescentemente na vida nacional um poderoso movimento popular de massas como força insubstituível para garantir o futuro democrático de Portugal.

O movimento sindical unitário, caldeado na luta da classe operária e dos trabalhadores portugueses, amplia o seu prestígio, influência e organização constituindo um sólido baluarte do regime democrático. O movimento camponês aparece na cena política e social do país como uma força social nacional organizada, cheia de dinamismo e potencialidades. Os movimentos da juventude, das mulheres,

dos reformados e deficientes, alargam a sua base de massas. As UCPs e cooperativas da Reforma Agrária, as cooperativas e formas de autogestão criadas pelos trabalhadores, as organizações unitárias da base, as associações culturais e desportivas, o movimento cooperativo, e outras formas de organização unitária representam componentes essenciais do movimento popular de massas. Sectores significativos das camadas intermédias — pequenos comerciantes e industriais, intelectuais, quadros técnicos, etc., — dão passos importantes para a sua organização e intervenção em defesa dos seus interesses. Em múltiplos sectores da vida nacional, diante de problemas comuns, aprofunda-se a tendência para a cooperação e aproximação entre os democratas de diversas tendências.

No campo da reacção, apesar das tentativas de novos arranjos, desenvolvem-se novas dificuldades e contradições. **No campo popular e democrático a tendência de fundo é no sentido do seu alargamento e coesão em torno dos ideais libertadores do 25 de Abril.**

Cinco anos volvidos sobre o 25 de Abril, são os ideais da democracia, do progresso social e do socialismo que predominam na vida portuguesa, que dinamizam a vida económica e social do país, que detêm a maior capacidade de iniciativa política, que gozam de mais amplo apoio popular.

Três anos de ofensiva política de direita contida por três anos de luta heróica do povo, cimentaram uma enorme aspiração popular e nacional: **dotar o país de um governo democrático com uma política democrática, que assegure as liberdades e o regime democrático, que abra caminho para a recuperação económica na base das conquistas de Abril, que melhore as condições de vida do povo, que salvaguarde a independência nacional.**

As ameaças de subversão do regime constitucional, a ofensiva global da reacção que está em curso, a criação de facto de uma situação inconstitucional, colocam, como questão essencial para a vida do regime democrático, alcançar e impor **uma viragem democrática na política nacional.**

Tal é o grande objectivo patriótico que o IX Congresso do PCP propõe à luta de massas, às forças democráticas, ao povo português.

Entre o VIII e o IX Congresso do PCP, a vida provou que não é possível resolver os problemas nacionais em oposição às novas realidades económicas e sociais criadas pela revolução. A vida provou que não é possível garantir o progresso e o desenvolvimento de Portugal hostilizando e combatendo os trabalhadores. A vida provou que não é possível defender as liberdades e a democracia com uma política de violência, repressão e arbitrariedade. A vida provou que as alianças do PS com a direita só serviram para enfraquecer as linhas de defesa da democracia portuguesa e para dar força aos seus inimigos. A vida provou que não é possível assegurar um clima de estabilidade propício ao trabalho criador com as manobras e golpes desestabilizadores da reacção. A vida provou que Portugal Democrático precisa da contribuição construtiva, da generosidade sem limites, da dedicação e do patriotismo dos comunistas.

A única perspectiva de defesa, consolidação e prosseguimento da democracia política é a consolidação e o prosseguimento das grandes conquistas da revolução, na perspectiva do socialismo.

Ao realizar o seu IX Congresso, o PCP que surge no quadro político nacional como a única grande força política inteiramente fiel aos ideais da democracia e do socialismo, inteiramente devotado à causa dos trabalhadores e do povo, conquistando pela sua coerência e firmeza um apoio e influência sempre mais amplos, **garante ao povo português que, na linha do seu passado glorioso, não poupará nem esforços nem sacrifícios para honrar as suas responsabilidades nacionais na luta difícil mas vitoriosa para assegurar o triunfo definitivo da revolução democrática a caminho do socialismo.**

(Introdução da Resolução Política aprovada no IX Congresso do PCP)



A nova tarefa dos delegados

O IX Congresso terminou, acabou o mandato dos seus delegados que voltaram às suas tarefas em todos os pontos do país, às suas responsabilidades diárias de militantes comunistas depois de, durante quatro dias, terem decidido das linhas fundamentais da política do Partido para os próximos tempos, depois de terem aprovado o Relatório do Comité Central, depois de elegerem o novo CC que passará a dirigir toda a actividade do Partido, entretanto.

Durante quatro dias, tivemos a impressão, ao olharmos o decurso dos trabalhos, ao escutar as intervenções das camaradas que nos falaram da amplitude dos problemas e das perspectivas apontadas para solucioná-los, ao vibrar com o entusiasmo das saudações e dos aplausos, de que ali estava todo o Partido, todos os comunistas portugueses.

E era verdade. Eleitos democraticamente, mandatados

pelos seus camaradas, culminando um trabalho de estudo, de debate e de análise que foi o de todo o Partido, os delegados eram todos o Partido, falaram e votaram em nome de todo o Partido.

Mas, por outro lado, muitos e muitos militantes não estiveram no Barreiro, a grande massa dos comunistas não teve a oportunidade de «viver» o Congresso. E se, imantados nos mesmos ideais, participaram, na realidade, nas decisões tomadas, cada delegado deve comunicar a cerca de cem outros camaradas o que foi o IX Congresso do PCP. Nesse aspecto não acabaram os mandatos dos delegados, não findaram as suas tarefas.

Os que assistiram e participaram nos momentos privilegiados das decisões e das votações, vão agora, por todo o Portugal, de Norte a Sul, nos distritos e nas regiões autónomas, contar como foi.

Vão, nas fábricas e nos campos,

nas escolas e nos escritórios, em todos os locais onde se encontram os camaradas, e até nas suas reuniões, falar dos documentos que discutiram, das experiências que ouviram na tribuna, multiplicar essas experiências colhidas por muitos mil, contribuir para um melhor conhecimento — o que adquiriram durante os quatro dias no Barreiro — de todos os seus camaradas.

Vão descrever a vivacidade, o ânimo revolucionário, vão encontrar as palavras — algumas vezes tão difíceis de encontrar para descrever essa realidade tão rica que foi a do Congresso a que assistiram e em que tomaram parte.

Vão falar do internacionalismo vivo que ali foi demonstrado, vão contar como a sala vibrava com as saudações vindas de outros países e de outros continentes, que os nossos irmãos de classe trouxeram, falando das suas lutas e da sua solidariedade.

Vão contar as lutas em defesa da Reforma Agrária de que ouviram relatos, as lutas dos agricultores do norte, a resistência de outros operários, as vitórias e as experiências que os comunistas levaram à tribuna, extraídas da própria luta de classes.

Todos levaram ao Congresso um pouco dessas lutas e dessas experiências. Todos trouxeram muito mais. E agora não vão guardar para si a recordação desta jornada. Vão contar como foi.

E não só aos membros do Partido. Porque as atenções dos trabalhadores portugueses, militantes comunistas, simpatizantes, amigos, companheiros da mesma luta, estiveram viradas para a realização do Congresso do PCP e hoje querem saber dos resultados, querem saber como decorreu.

O mandato dos delegados é agora outro. É divulgar por toda a parte as vibrantes e fraternas jornadas do Congresso.



O «Avante!» no Congresso

O número especial do «Avante!» que, com esforço recompensado, publicámos no domingo, marcou uma presença bem visível no Congresso. Antes da sessão de encerramento e do comício que se lhe seguiu, não havia mão de camarada ou amigo que não folheasse o órgão central do Partido, vendo as fotos, lendo e comentando. Inteiramente dedicado aos trabalhos do IX Congresso, o «Avante!», à venda desde as 11 horas da manhã, foi também por si próprio, pela grande difusão desse número especial, a recompensa pelo trabalho realizado e mais uma prova indelével da capacidade de realização do nosso Partido.





A sessão de encerramento do Congresso, domingo de manhã, constituiu o ponto alto de quatro dias que foram de trabalho intenso, mas também de alegria, fraternidade, entusiasmo e firmeza



O Congresso encerra numa vaga de júbilo e decisão

O Congresso chegava ao fim. Aproximava-se a apoteose que é a palavra exigida para designar o que se passou no primeiro domingo de Julho, nesse fim de manhã com um sol de Verão já intenso que obrigava a proteger a cabeça com o «Avante!» ainda fresco da impressão de há pouco, enquanto se esperava em filas compactas que as portas do Pavilhão se abrissem para a sessão de encerramento.

lhe abrir caminho. Felizmente, as indisposições foram breves e sem gravidade — efeitos talvez do calor e da emoção em camaradas mais idosos.

Porque calor e emoção houve muito no meio da transbordante alegria revolucionária que assinalou todo o IX Congresso e subiu de tom nas duas horas e meia que durou a sessão de encerramento, caracterizada pela inabalável e indestrutível confiança no futuro que é apanágio dos comunistas.

Sabia-se que a última sessão seria curta. A ordem de trabalhos indicava o anúncio do novo Comité Central e dos seus organismos acabados de eleger. Depois do discurso de encerramento.

O camarada Blauqui Teixeira, da Comissão Eleitoral do Congresso, chamaria um a um, por ordem alfabética, os dirigentes do Partido. Para os corredores, entre as cadeiras dos delegados, iam saindo os camaradas acabados de eleger. Lidos na tribuna os seus 133 nomes, o novo CC encaminhava-se para o estrado alcatifado de vermelho por detrás da tribuna dos oradores e em frente da bancada da presidência. Na sala, o aplauso rompia espontâneo, prolongava-se em ondas pelas bancadas, mudava de ritmo, atingia o cume e ia esmorecendo para que o novo nome do camarada eleito se ouvisse claramente.

O grandioso colectivo que é todo o Partido expressava a sua confiança nos novos dirigentes, através dos 1749 delegados que

os seus lenços vermelhos ao pescoço, rodeando o pequeno camarada que leu a saudação comovente de todos os Pioneiros de Portugal em cima de dois estrados (um deles rapidamente improvisado com uma providencial «grade» de águas...) para que o jovem pioneiro chegasse ao microfone mais alto e proclamasse

dai bem alto também «a certeza de que todos os camaradas e amigos presentes neste Congresso irão ajudar-nos», ajudar as crianças de Portugal, as crianças de todo o mundo, para que a saúde e a felicidade, uma boa escola, pão e flores sejam para quem nasceu direitos adquiridos entre tantos que temos de conquistar e manter.

E por fim o discurso do camarada Álvaro Cunhal. Rodeado pelos representantes dos partidos irmãos, por todo o Comité Central e pelos Pioneiros, o secretário-geral reeleito sublinharia os pontos fulcrais dos documentos aprovados, os seus objectivos políticos mais salientes, a inabalável confiança no futuro, a saudação

amiga a todo o Partido empenhado na realização do Congresso, sem esquecer um esforço, uma tarefa. No meio dos braços erguidos com decisão, numa apoteose de som e cor, com os lenços dos pioneiros num aceno conflante, entre canções revolucionárias entoadas em abraço fraternal de todos os camaradas, com o canto

ondulando pela sala e pelas bancadas como um caudal largo e forte de braços para a luta, assim terminaria o IX Congresso do PCP, marcando a profunda, inabalável e indestrutível unidade existente no nosso Partido, que é uma das raízes fundamentais da nossa força e a garantia perene da nossa vitória.

o mesmo sucedia nas bancadas por detrás da imprensa e aos lados da grande sala. Nem um lugar vago. Nem um passo para circular. Um médico solicitado duas vezes teve dificuldade em romper. A dada altura parecia suspenso, transportado e nem sempre para a frente pelo próprio ondular da multidão na tentativa de

Saudação dos Pioneiros

Estamos aqui, neste Congresso, em representação dos Pioneiros de Portugal.

Saudamos todos os camaradas aqui presentes, vindos dos mais variados pontos do país.

Saudamos também todos os camaradas representantes dos povos de todo o mundo, desejando felicidades às crianças dos seus países.

Saudamos ainda o Ano Internacional da Criança com a certeza de que todos os camaradas e amigos presentes neste Congresso irão ajudar-nos para que todas as crianças de Portugal venham a ter: boa alimentação, uma escola, uma casa, livros, parques com árvores e flores e muito amor para podermos crescer saudáveis e felizes.

Viva o Congresso do PCP!
Vivam os Pioneiros de Portugal!
Vivam as Crianças de Todo o Mundo!



Intervenção de Álvaro Cunhal na sessão de encerramento

Camaradas: Chegamos ao fim do nosso IX Congresso. As decisões estão tomadas. Pouco há agora a dizer.

O debate no Congresso culminou o grande debate realizado anteriormente em todo o Partido.

Todo o Partido participou activamente na discussão das Teses. Através da discussão das Teses e da proposta de emendas todo o Partido participou na elaboração da Resolução Política.

Assim, a Resolução Política do IX Congresso é obra colectiva de todo o nosso Partido.

Este facto tem importância decisiva por duas razões fundamentais.

A primeira, porque a Intervenção de todas as organizações e militantes na elaboração da linha política do Partido — com a sua experiência, o seu conhecimento directo das situações, a sua opinião livre e democraticamente expressa, o seu espírito criador e construtivo — é uma garantia do acerto das decisões tomadas.

A segunda porque, estando todas as organizações e militantes identificados com a orientação do Partido, para a definição da qual directamente contribuíram, estão também imediatamente empenhados com plena consciência na sua aplicação prática.

Daí a certeza que todos temos de que o nosso Partido levará à prática com êxito as decisões do IX Congresso.

O curso acidentado da Revolução portuguesa conheceu, desde 25 de Abril, golpes e tentativas de golpes, numerosas curvas apertadas, muitos momentos de perigo.

Agora temos por diante novas e duras batalhas. Os anos de 1979-81 são anos cruciais para a democracia portuguesa.

Daí a importância e a responsabilidade das decisões deste nosso IX Congresso, que colocam ao Partido grandiosas e complexas tarefas.

São nossas tarefas cortar o passo à reacção, paralisar e fazer retroceder a sua ofensiva, derrotar o seu assalto ao poder e ao aparelho do Estado, defender e consolidar as liberdades, a Reforma Agrária, as nacionalizações e as outras grandes conquistas democráticas, conseguir a formação de um governo democrático com uma política democrática, derrotar a reacção nas futuras eleições, e assegurar o prosseguimento da vida portuguesa no quadro das instituições e do regime consagrado na Constituição e da independência nacional.

Alcançar estes objectivos significará a vitória de alcance histórico, que determinará as linhas fundamentais da evolução da sociedade portuguesa.

O nosso Partido empregará todas as suas forças e energias para que estes objectivos sejam alcançados.

O incessante reforço orgânico e a unidade do movimento operário e popular, a acção de massas cada vez mais ampla e determinada, o trabalho produtivo e a solução directa dos problemas, a actuação nos órgãos do poder ou junto deles, a concorrência conflante às eleições, — são o caminho certo para alcançar finalmente a viragem democrática que os interesses do povo e do país imperativamente exigem.

Proseguiremos firme e infatigavelmente uma política de massas e uma política de unidade.

Unidade da classe operária, unidade sindical, unidade em todas as frentes da luta popular, unidade de todos os democratas e patriotas.

O Congresso reafirmou o propósito do PCP de examinar com todos os democratas, designadamente com o PS, todos os problemas relativos à saída da crise e a uma alternativa democrática.

Para já trata-se de derrubar o Governo M. Pinto e, se o PS não falar à sua palavra e se entender realmente com o nosso Partido, o Governo irá mesmo abaixo. Não basta porém atirar o Governo.

Os democratas e patriotas devem entender-se de forma a tornar possível a formação de um governo democrático.

As debilidades são muitas, os perigos são graves, mas o Povo português tem força bastante para derrotar a reacção e prosseguir o Portugal de Abril.

A frente do movimento operário e popular, ligado por cada uma das suas organizações e dos seus militantes à classe e às massas, o nosso Partido tudo fará para que este objectivo seja alcançado.

Estamos certos de que os nossos convidados dos partidos irmãos e amigos puderam verificar a indomável determinação dos comunistas portugueses e aquela transbordante alegria revolu-

cionária que é somente possível quando existe (e no nosso Partido existe) uma inabalável e indestrutível confiança no futuro.

Verdadeira manifestação de confiança no futuro nos deram os Pioneiros, trazendo, com a sua saudação ao Congresso, a certeza do futuro democrático e socialista de Portugal.

Estamos certos, camaradas, de interpretar os sentimentos do Congresso, agradecendo aos Pioneiros a sua presença e a sua saudação e dizendo-lhes que a sua confiança não será iludida e que o nosso Partido, nós os comunistas, não pouparemos trabalhos nem sacrifícios, nem pouparemos a vida se necessário, para que as crianças portuguesas tenham assegurado um futuro de liberdade, de pão, de cultura, de saúde, de alegria e de felicidade.

Estamos também certos de que os nossos convidados dos partidos irmãos e amigos que assistiram ao nosso Congresso, puderam verificar a par do profundo e abnegado patriotismo dos comunistas portugueses que o internacionalismo proletário, os sentimentos de amizade e solidariedade são uma atitude, uma prática e um sentimento enraizado e palpante no coração de cada comunista português.

O nosso IX Congresso foi uma poderosa expressão de solidariedade activa dos partidos comunistas e dos movimentos revolucionários para com a revolução portuguesa e para com os comunistas portugueses.

Expressando a nossa gratidão revolucionária por essa solidariedade — queremos ao mesmo tempo, uma vez mais, confirmar aos nossos camaradas e amigos que podem sempre, e em quaisquer circunstâncias, contar com a solidariedade internacionalista do nosso Partido.

Ainda, para finalizar, algumas palavras sobre o trabalho colectivo que é regra, é prática, é forma de actuar e de viver no nosso Partido.

O trabalho colectivo é um princípio básico na actividade do Partido.

É a norma de trabalho da sua direcção e de cada um dos organismos e organizações.

Mas, no nosso Partido, é qualquer coisa mais.

É a compreensão de que o Partido, todo o Partido, é um grandioso colectivo, cujas grandes realizações são produto do trabalho, das ideias, das energias, dos esforços, das opiniões livremente expressas, de todos os membros do Partido.

Assim sucedeu também com o nosso IX Congresso.

Todo o nosso Partido esteve empenhado na realização do Congresso.

Quando os delegados ao Congresso fizeram as suas intervenções, e expressaram as suas opiniões, quando aqui votámos, aprovámos resoluções, quando aqui expressámos a nossa solidariedade aos partidos irmãos e amigos e aos respectivos povos, todos estamos certos de que as opiniões, as atitudes, os votos, as decisões do nosso Congresso corresponderam inteiramente à vontade de todo o nosso Partido.

Quando os trabalhos do nosso Congresso se desenvolveram tão regulares e certos que tudo parecia correr por si, não esqueçamos que a realização do nosso Congresso assentou no trabalho de milhares de camaradas que não participaram no Congresso.

Assentou no trabalho esforçado, voluntário, abnegado, trabalho comunista de milhares de camaradas (com referência especial para os camaradas do Barreiro) que montaram as instalações onde se realizou o Congresso, designadamente esta grande sala, resolvendo complexas questões de aproveitamento de espaço, construção de bancadas, fabricando as mesas para os 1749 delegados, assegurando boas condições acústicas, e embelezando a sala, com a magnífica decoração, de que é justo destacar o bellissimo painel de fundo, dando nova prova de que os comunistas, ao mesmo tempo que trabalham no duro e com

espírito prático, se inspiram pela ideia de que a beleza e a arte fazem parte da vida e da felicidade do homem.

A realização do Congresso assentou no trabalho diligente do Apoio aos Delegados, assegurando o funcionamento interno.

A realização do Congresso apoiou-se no trabalho constante, aplicado, dos camaradas dos serviços de dactilografia e reprodução de materiais, sobretudo jovens comunistas, mas não só, — que cumpriram a sua tarefa com diligência, rigor, prontidão e entusiasmo.

A realização do Congresso assentou no trabalho dedicado e pronto das equipas de limpeza; tão atentas, tão prontas e diligentes que esta nossa grande sala e as instalações mantiveram-se sempre como um modelo de arranjo, arrumação e higiene, modelo reforçado ainda pelo sacrifício voluntário dos camaradas fumadores que acalitaram privar-se de fumar na sala.

A realização do Congresso assentou no trabalho de manutenção — absorvente, cuidadoso e esmerado — assegurando-nos a luz, bom funcionamento das canalizações e de todo o equipamento.

A realização do Congresso assentou na assistência médica, assegurada por médicos e enfermeiros que mantiveram serviço permanente, prontos a ajudar ou, se necessário, a salvar.

Referência à assistência dada pelas corporações de bombeiros do Barreiro, às quais expresso, em nome do Congresso, a nossa fraternal gratidão.

A realização do nosso Congresso assentou no esforço de centenas de camaradas que asseguraram os complexos serviços de cozinha em que a competência profissional, a dedicação e o carinho pelos camaradas, permitiram não só servir com eficiência milhares de refeições, mas preparar refeições abundantes e saborosas que todos tivemos ocasião de apreciar e de gabar.

A realização do Congresso assentou no esforço e na vigília insustentável dos nossos camaradas de segurança, que, dia e noite, dentro e fora das instalações, cuidadosos, atentos, fraternos, exigentes como é necessário, facilitaram uma disciplina tão rigorosa e natural que quase se não notava a permissão e o andamento dos trabalhos numa completa tranquilidade.

A realização do Congresso apoiou-se finalmente naqueles milhares de camaradas que não puderam estar connosco e em todos os sectores asseguraram a actividade incessante do Partido, mantendo-se nos Centros de Trabalho, nas suas organizações e nos seus postos de combate, assegurando o pulsar da actividade diária do Partido durante os dias do Congresso.

Assim trabalhamos e trabalharemos: como um colectivo intenso em que todas as tarefas são necessárias e complementares, em que o resultado da actividade do Partido depende do esforço de todos e de cada um.

Comité Central e os 164 mil membros do Partido somos um todo com uma só vontade e uma só acção.

Quando, aqui no nosso Congresso, ou nos nossos comícios, passamos muitas vezes os braços por cima dos ombros dos nossos camaradas, cantando em conjunto as nossas canções, esse nosso gesto expressa bem o profundo sentimento acerca da decisiva importância dos laços de fraternidade existentes no nosso Partido, de que, a profunda, inabalável e indestrutível unidade existente no nosso Partido é uma das raízes fundamentais da nossa força e garantia da nossa vitória.

Duas últimas palavras para os comunistas e o povo do Barreiro. Barreiro vila vermelha. Barreiro da bandeira vermelha arvorada na alta chaminé, desafiando o fascismo. Barreiro da luta indomável do proletariado revolucionário. Barreiro que vota comunista.

O Barreiro mereceu e merece bem que aqui se realizasse o Congresso do Partido.

Creio, camaradas, que estais de acordo que aqui, ao finalizarmos os nossos trabalhos, expresse o apreço e a gratidão do Congresso aos comunistas, simpatizantes e amigos do Barreiro, que contribuíram decisivamente para criar condições ideais para os trabalhos do Congresso.

Viva a unidade dos trabalhadores e a unidade de todos os democratas e patriotas!
Viva Portugal de Abril!
Viva o PCP!





Como o Barreiro recebeu o IX Congresso

Durante quatro dias seguidos, milhares de comunistas de todo o país encontraram a sua casa nas portas abertas, no coração aberto dos comunistas, dos trabalhadores, do povo do Barreiro.

Vindos dos comboios do Sul, que a pitavam, saudando o Congresso, às portas da vila vermelha; vindos nos barcos que atravessavam o Tejo e encostavam à margem esquerda do rio, onde as bandeiras flutuavam no ar enevoado pelo fumo das fábricas; vindos pelas estradas, onde os cartazes, as bandeiras e as faixas vitoriam o IX Congresso e saudavam os visitantes, os delegados entraram no Barreiro como em sua própria casa.

Logo pela manhã, a vila, habituada a acordar cedo aos primeiros silvos das fábricas, saía à rua, dirigia-se ao trabalho, sorria aos visitantes que avançavam para o pavilhão dos Trabalhadores da Quilçim, com a pasta de delegado debaixo do braço, um emblema na lapela, o cartão de convidado ou dos serviços. Num passo firme e vivo, passavam centenas de homens, mulheres e jovens que trocavam impressões em voz clara, paravam aqui e ali para beber um café e acordar melhor, perguntavam o caminho a alguém e logo, com um sorriso, lhe respondiam: «Por ali é mais perto, camarada».

Definiam-se, muitas vezes na embocadura de uma rua da cidade velha, uma longa rua de casas de andar térreo, com bandeiras vermelhas a formar um arco de triunfo. Nos prédios altos, colchas vermelhas nas janelas, dísticos, faixas, os cartazes colados por toda a cidade, música revolucionária a transbordar para as ruas.

Uma alegria que nos envolvia como numa festa, a receber trabalhadores de todo o país, a receber também os muitos camaradas de partidos irmãos, na mesma fraternidade.

Nos intervalos para o almoço, entre os muitos camaradas que se dirigiam aos restaurantes instalados no recinto, ou cá fora, nos pavilhões de organizações do distrito, havia os que preferiam dar uma volta pela vila vermelha, petiscar aqui ou ali. Perguntavam. E logo alguém indicava, sócio, onde era mais barato, onde era mais perto.

Poderíamos dissertar sobre as tradições de hospitalidade do nosso povo. Mas no Barreiro do IX Congresso foi diferente. Tratava-se de receber, em festa, muitos milhares de comunistas. E em festa criar as condições para um melhor trabalho.

Um momento alto da recepção que a população preparou no Barreiro ao IX Congresso foi a recepção oficial às várias dezenas de delegações estrangeiras, decidida pela Câmara Municipal. Em nome da autarquia, o seu presidente, camada Helder Madeira, transmitiu aos visitantes as boas vindas e, na presença de outras entidades e organismos do concelho, falou da história próxima do Barreiro e das suas gentes.

Antes do 25 de Abril — recordou — o elevado grau de consciência política do povo trabalhador do Barreiro constituiu um grande e indelével bloco de resistência à exploração capitalista e à repressão, na luta pela libertação de Portugal da tirania fascista. É importante e oportuno salientar que todas as lutas então desencadeadas se desenvolveram num espírito de unidade, combatido ao mesmo tempo formas de conciliação com a direita e ilusões desmobilizadoras do esquerdismo.

A manifestação das mulheres dos operários, em 1936, a greve de 38 na caldeiraria da CUF e as de 43 em todo o concelho, as dos corticeiros em 1948 e a de protesto pela burla eleitoral de 1958, as manifestações do 1.º de Maio de 1962 e 64, as greves de 1969, dos ferroviários, as de 70 novamente na caldeiraria da CUF, a dos estivadores em 1973, foram datas

e lutas assinaladas pelo presidente da Câmara Municipal.

Após o 25 de Abril — afirmou mais adiante —, o Barreiro soube estar à altura das suas tradições. Os seus trabalhadores, homens e mulheres progressistas, tiveram e continuam a ter um papel de relevo nas grandes conquistas do nosso povo, na defesa e consolidação da jovem democracia nascida do 25 de Abril.

Assim recebeu o Barreiro os seus convidados.

Outras visitas

Mas não foi apenas no Barreiro que as delegações estrangeiras foram acolhidas com calor e amizade. Em Almada, os camaradas da Bélgica, da Jordânia, da Finlândia e de Israel foram recebidos pelo presidente da Câmara, camarada José Vieira, e visitaram a Lisnave, onde os esperavam membros da Comissão de Trabalhadores. No Seixal visitaram a «Mundet» e encontraram-se com os vereadores da Câmara Municipal as delegações do PC da Áustria, da «Revista Internacional», do

Partido do Progresso e do Socialismo de Marrocos e do PC Peruano. Em Grândola, depois de uma visita à Cooperativa «Evaristo Gago», os camaradas do PC da Irlanda, do PC da Holanda e do Partido do Povo do Panamá tiveram ainda um encontro na Câmara Municipal. No concelho de Vila Franca de Xira, os camaradas dos Partidos Comunistas da Dinamarca, da Espanha e Norueguês também tiveram um encontro na respectiva Câmara Municipal, depois de uma visita à «Cimpor». O encontro com os eileitos da autarquia de Oeiras procedeu a visita dos membros das delegações dos PC do Japão, da Grã-Bretanha e Sudanes e do AKEL de Chipre à «Cirel». Os representantes dos PC da Noruega, Sírio e Mexicano e do PSU de Berlim Ocidental estiveram em Benavente, foram recebidos pela respectiva Câmara depois de visitarem a «Companhia das Lezírias». Por fim, em Évora, as delegações do PC da Argentina, do Partido Sulco do Trabalho e da Frente Democrática de Libertação Nacional do Iémen do Norte visitaram a UCP «Humberto Delgado», em Arraiolos.



As delegações estrangeiras foram recebidas na Câmara de Almada. Na foto: o Presidente saúda os visitantes

Moções aprovadas

É o seguinte o texto das moções e saudações aprovadas no IX Congresso e a que fizemos referência no último número do «Avante!»

● Solidariedade aos povos em luta

1 - O IX Congresso do PCP solidariza-se e saúda todos os trabalhadores em luta que, com o seu exemplo, apontam o justo caminho da unidade e da luta, contra a repressão, pelo direito ao trabalho e ao pão.

2 - O IX Congresso do PCP afirma o seu vivo protesto contra a política repressiva do grande patronato e do Governo Mota Pinto; reclama que sejam firmemente respeitados os direitos e liberdades sindicais nas empresas; que seja posto cobro à utilização pelo grande patronato de policia privadas e que cesse a intervenção ilegítima das forças militarizadas contra os trabalhadores.

(Aprovada por unanimidade e aclamação)

● 4.º centenário da morte de Luís de Camões

Em 1980, passa o 4.º centenário da morte de Luís de Camões, poeta do povo e da pátria portuguesa, que em obras de grande beleza e profundidade reflectiu um empadramento histórico, os Descobrimientos Geográficos, através do qual o nosso povo contribuiu activamente para o progresso da Humanidade.

O IX Congresso do Partido Comunista Português recomenda à direcção do Partido que encare medidas concretas para que o centenário de Camões seja dignamente celebrado pelos trabalhadores, os artistas e o povo de Portugal — legítimos herdeiros do grande poeta.

1 de Junho de 1979

(Aprovada por unanimidade)

● Sobre o projecto de lei Gonelha

1. Considerando que o Projecto de Lei Gonelha/PS visa a destruição da democracia interna dos Sindicatos e a própria liberdade sindical dos trabalhadores e a criação de um movimento sindical de obediência ao patronato.

2. Considerando que o projecto Gonelha/PS visa desmantelar e destruir o Movimento Sindical Unitário, colocando o PS, unido ao PPD e ao CDS, contra todo o movimento democrático e popular.

3. Considerando ainda que o referido projecto de lei é inconstitucional e incompatível com a realidade nacional.

4. O IX Congresso do PCP protesta energicamente contra o Projecto de Lei Gonelha/PS e apela à unidade de todos os trabalhadores para que se não deixem dividir, lutando e desmascarando as intenções e acções dos divisionistas em todos os locais de trabalho.

(Aprovada por unanimidade e aclamação)

● Saudação aos povos em luta

O IX Congresso do PCP, reunido no Barreiro em 31 de Maio e 1, 2 e 3 de Junho de 1979, expressando o sentir dos comunistas e dos trabalhadores de Portugal, saúda fraternalmente os povos que, em todo o mundo, lutam contra o imperialismo, o colonialismo e o neocolonialismo, a reacção e o fascismo, pela causa comum da democracia e do progresso social, por uma política de paz e amizade com todos os povos.

O IX Congresso do PCP saúda os povos do Chile, Uruguai, Brasil, Argentina, Nicarágua e todos os povos em luta contra ditaduras fascistas e reacçãoárias

e exprime a sua profunda convicção de que se aproxima o dia em que derrotarão os opressores e conquistarão finalmente a liberdade.

O IX Congresso do PCP saúda os povos do Zimbábue, da Namíbia, da África do Sul, com a certeza de que a sua luta libertadora os conduzirá, inevitavelmente, à vitória sobre o imperialismo, o colonialismo e o racismo.

O IX Congresso do PCP saúda os povos árabes em luta contra as manobras, conspirações e agressões do imperialismo e do sionismo e, em particular, o povo palestino em luta pelo seu legítimo direito a um Estado independente e soberano.

O IX Congresso do PCP saúda os povos de Angola e de Moçambique, manifesta-lhes a activa solidariedade dos comunistas portugueses face às agressões desencadeadas pelos exércitos racistas da África do Sul e da Rodésia, exprime a sua confiança em que tais agressões serão derrotadas e em que ambos os povos prossiguirão no caminho do progresso e do socialismo.

O IX Congresso do PCP saúda o heróico povo vietnamita, condenando com firmeza a criminosa agressão perpetrada pelos dirigentes de Pequim contra a República Socialista do Vietnam, o IX Congresso do PCP exprime o completo apoio dos comunistas portugueses à luta do povo vietnamita pela defesa da soberania e integridade territorial e pela reconstrução pacífica da sua pátria socialista.

O IX Congresso do PCP exprime finalmente a sua maior alegria e satisfação pelas históricas vitórias alcançadas pelos povos da Etiópia, do Afeganistão, do Kampuchea e do Irão, vitórias que constituem novos e rudes golpes nas posições do imperialismo e da reacção, acontecimentos de grande alcance no processo de emancipação mundial e social dos povos do mundo inteiro.

Convicto de que o movimento comunista é a principal força motora de luta contra o imperialismo à escala mundial e de que a unidade do movimento comunista internacional constitui o eixo de unidade de todas as forças revolucionárias, o elo mais sólido da solidariedade democrática e anti-imperialista — o IX Congresso do Partido Comunista Português exprime a sua solidariedade combativa para com os partidos irmãos e movimentos de libertação e para com todas as forças democráticas e anti-imperialistas empenhadas nas lutas dos seus povos em África, Ásia, América, Médio Oriente, pela liquidação do poder dos monopólios e dos privilégios das classes exploradoras, pelo fim da dominação colonial e neocolonialista, pela democratização da vida política, económica, social e cultural, pela transformação socialista da sociedade.

Viva a Unidade do Movimento Comunista e de todas as Forças Anti-imperialistas!
Viva a Vitoriosa Luta dos Povos!

Viva o Internacionalismo Proletário!

● Saudação aos camaradas dos Serviços do Congresso

O IX Congresso do nosso Partido saúda as muitas centenas de camaradas que, com o seu trabalho abnegado e elevado espírito de militância, permitiram a implantação das estruturas indispensáveis à realização deste Congresso e aos que neste momento trabalham nos diversos serviços de apoio possibilitando que o Congresso decorra da melhor forma. (Fusão de 6 propostas de 64 delegados ao Congresso) (Aprovada por unanimidade e aclamação)

Saudações ao Congresso

Além das presenças das delegações estrangeiras já referidas, e que usaram da palavra na tribuna do Congresso ou nos comícios de amizade realizados, há a registar a recepção de saudações ao Congresso dos seguintes Partidos e outras organizações:

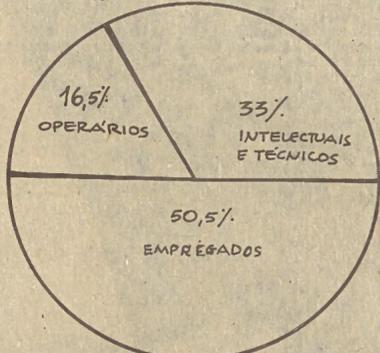
- Comité Central do Partido Africano da Independência (Senegal)
- Partido Comunista da Martinica
- Comité Central do Partido Comunista de El Salvador
- Comité Central do Partido Guatemalteco do Trabalho
- Partido Comunista dos Estados Unidos da América
- Comité Central do Partido da Vanguarda Popular da Costa Rica
- Partido Comunista do Equador
- Partido Comunista Luxemburguês
- Comité Central do Partido Comunista da Venezuela
- Partido do Congresso e Independência de Madagascar
- Comité Central do Partido Comunista de Guadalupe
- Comité Central do Partido Comunista da Indonésia
- Partido Socialista do Chile

- Comité Central do Partido do Progresso do Povo da Guiana
- Comité Central do Partido Comunista Sanmarinense
- Comité Central do Partido da Revolução Popular de Benim
- Secretário-Geral do Partido Socialista da Austrália
- Partido de Esquerda dos Comunistas da Suécia
- Partido Comunista do Canadá
- Comité Central do Partido Comunista das Filipinas
- Partido Comunista da Colômbia
- Comité Central da Frente Unitária Salvação Nacional do Kampuchea
- Comité Central do Partido de Vanguarda Socialista da Argélia
- Clube Internacional da Amizade Iuri Gagarine — Palácio dos Pioneiros de Moscovo
- Frente Polisário
- Comité Central do Partido Comunista da África do Sul
- Clube Internacional de Amizade «Avante!» — Escola 43, Moscovo

Alguns números do Congresso

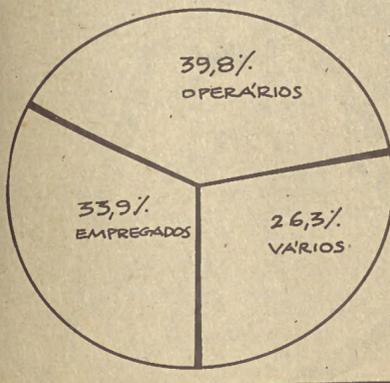
Os funcionários da DORL em 1976

A maioria dos funcionários era então constituída por empregados. As mulheres representavam 28% dos funcionários.



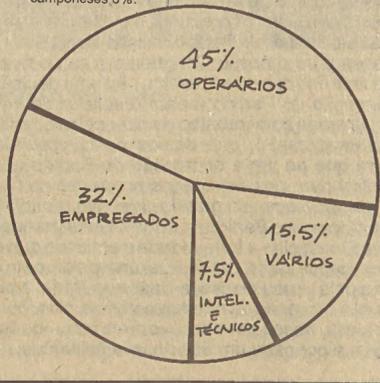
Devido à troca de legendas de alguns quadros publicados no «Avante!» especial de domingo, na última página — «Alguns números do Congresso» — reproduzimos hoje os três gráficos devidamente rectificadas.

Composição social dos actuais funcionários do Partido



Os militantes da DORL

A DORL conta, segundo os últimos dados conhecidos, com 45 000 militantes, sendo a maioria operários. As mulheres representam 23% da organização e os camponeses 6%.



Atravessar o Tejo para o encerramento do IX Congresso

O IX Congresso do PCP levou muitos milhares de pessoas ao Barreiro. Para ali se deslocaram em transporte próprio ou público, à boleia, em excursão. Mas houve quem aproveitasse bem a deslocação, transformando-a em passeio agradável para todos, espectacular para quem os viu passar. Foi o caso dum passeio fluvial organizado pelo Comité Local de Lisboa.

A «expedição», ao sair na manhã do dia 3 da estação fluvial, partiu num barco transfigurado: eram flâmulas e bandeiras drapejando ao vento, panos representativos dos vários sectores e sublinhando as linhas do barco, cor e luz, Tejo fora. Lá dentro a banda de Sacavém e o conjunto «Cantar Malo», da UEC, davam ritmo à festa-

-convívio que espontaneamente se ergueu. Ao longo do percurso, no cruzar com outros barcos, os punhos erguiam-se, as saudações trocavam-se abarcando o Tejo todo. Nas margens, onde o barco era visível, o eco dessas saudações crescia em novas saudações. Foi assim até ao Barreiro.

Dali, da estação fluvial,

seguiu-se em manifestação até ao Pavilhão do Congresso, integrando-se nela muitas outras pessoas que iam descendo das carreiras normais e carreiras urbanas. A banda tocou durante todo o percurso, e o Barreiro saudou os alegres «expedicionários» que chegaram ao Pavilhão integrados numa manifestação já com milhares de pessoas.

ÁLVARO CUNHAL NO COMÍCIO DE ENCERRAMENTO

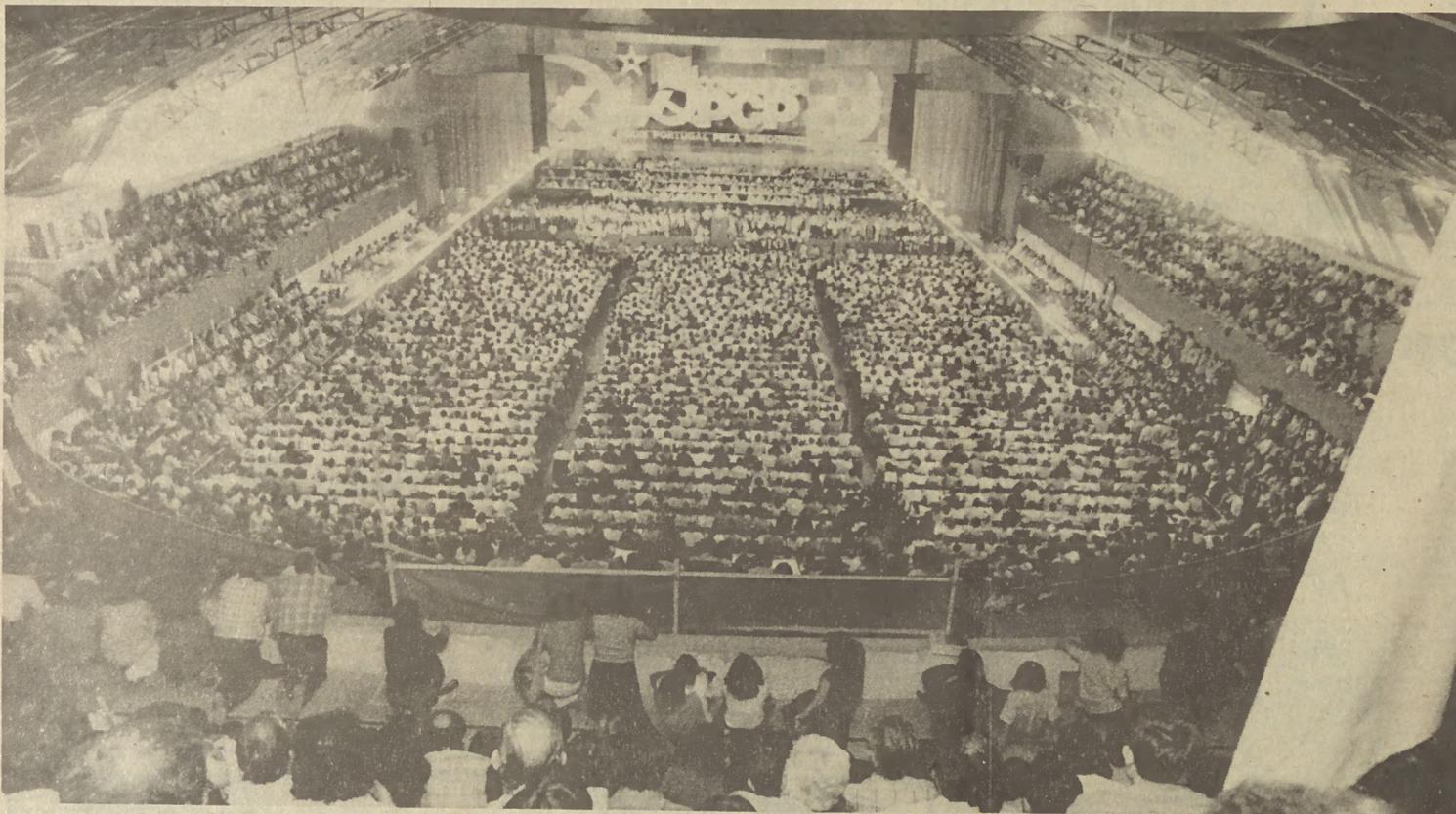


● Barreiro, a vila vermelha

Estamos hoje aqui muitos, e olhando todo este grande número de camaradas que aqui estão, vemos muitas bandeiras vermelhas a flutuarem. Mas estamos no Barreiro e sabemos que anos atrás — e não é preciso recuarmos muito — se aparecesse uma bandeira vermelha numa manifestação no Barreiro certamente teríamos a PIDE, teríamos a GNR, teríamos a repressão, teríamos prisões. E, no entanto, nesse tempo nem por isso deixaram de flutuar bandeiras vermelhas no Barreiro. Porque houve operários que subiram à chaminé mais alta do Barreiro, a da CP, e puseram lá no alto uma bandeira vermelha. E este facto simples, camaradas, esta comparação entre aquele tempo em que para fazer flutuar uma bandeira vermelha no Barreiro era necessário subir à mais alta chaminé, e aquilo que nós aqui hoje vemos, milhares e milhares de camaradas com as bandeiras vermelhas com a foice e o martelo, basta para mostrar tudo o que ganhámos com o 25 de Abril, tudo o que ganhámos com a Revolução Portuguesa. Ganhámos a liberdade, e a liberdade é um precioso bem para um povo que durante quase meio século sofreu a repressão fascista.

● O movimento das mulheres

O nosso Congresso, camaradas, examinou atentamente o movimento das mulheres. Verificámos existirem ainda deficiências e incompreensões, inclusivamente dentro do próprio Partido. É necessário impulsionar o movimento das mulheres, a sua luta. A sua integração nas várias frentes do movimento popular é já hoje uma realidade: as mulheres estão sempre nas primeiras filas na batalha em defesa da Reforma Agrária, na luta pelos direitos dos trabalhadores, nas manifestações. Mas para que todas, as formas de organização das mulheres tenham um novo desenvolvimento é necessário que as resoluções do nosso Congresso sejam aplicadas, e estamos certos de que as nossas 33 000 camaradas, as mulheres comunistas, todo o nosso Partido, empregarão um grande esforço para que o movimento das mulheres se torne um grande movimento nacional.



● O trabalho na luta dos trabalhadores

Ainda uma outra coisa gostaria de sublinhar no nosso Congresso. Nós vimos que o nosso povo defendeu a sua liberdade e as outras conquistas da Revolução, do regime democrático e da Constituição, por muitas formas, por muitas maneiras. Há formas tradicionais de intervenção das massas: é a manifestação, é a concentração, e eu creio que a luta do nosso povo. É uma expressão de vontade de defesa e de conquista de Abril e estão dispostos a defender a Revolução. É uma necessidade e que é necessário continuar e ampliar. Mas há outras formas de luta hoje em Portugal. São o testemunho das transformações que se deram na realidade dos trabalhadores da Reforma Agrária, perante a luta contra aquela que é desenvolvida contra as suas condições de vida. Continuam a cuidar das terras, a cuidar do gado, a produzir, isto contra ameaças diárias de injustas, espancamentos e de feridos, isto mostra a importância da História de Portugal, o trabalho dos trabalhadores. O que mostra bem as transformações sociais que a sociedade portuguesa e o que representam estas conquistas e a eliminação dos monopólios e a Reforma Agrária são a nossa Revolução.

● A unidade do Partido

Verificámos no nosso Congresso, camaradas, com grande alegria de todos os presentes mas sem surpresa para os comunistas, que o nosso Partido — ao contrário dos outros, em que há crises, divisões, expulsões, combates e cisões, grupos que saem e grupos que entram —, o nosso Partido mantém através dos anos uma unidade sem brechas, uma unidade que ninguém consegue quebrar. Alguns julgam (isso aparece muitas vezes nas perguntas dos jornalistas estrangeiros) que o nosso Partido é um partido duro, rígido, militarizado, no qual quem desobedece vai para a rua. É falso.

Mas qual é a razão da nossa coesão, da nossa unidade, qual a razão por que, por exemplo agora, no nosso Congresso, quando se tratava de aprovar documentos, todos levantavam orgulhosamente o seu cartão e todas as decisões foram tomadas por unanimidade? Não é uma, mas muitas as razões que conduzem a isto.

Em primeiro lugar, é a raiz de classe do nosso Partido, que se inspira no espírito solidário e colectivo da própria classe operária. São as ideias que nos orientam, o marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário. Mas é também o estilo de trabalho do nosso Partido, a democracia interna em que todo

o militante tem não só o direito mas o dever de intervir, de dar a sua opinião, e pode fazê-lo com completa liberdade. São todos os militantes que intervêm para fazer aprovar as decisões de todo o Partido. Assim se fizeram cinco mil emendas ao projecto de Teses para o nosso Congresso e se aprovaram bem mais de metade. O resultado final dos debates é, assim, não uma decisão tomada administrativamente pela direcção do Partido mas o resultado da intervenção voluntária de todos nós, os militantes com trabalho de direcção e os militantes de base, que demos a nossa cooperação, que demos as nossas ideias, que fazemos a nossa crítica para que no fim a orientação do Partido não seja só a orientação do Comité Central ou a dos camaradas presentes no Congresso, mas aquela que é decidida por todo o nosso grande colectivo partidário.

É a vida democrática dentro do nosso Partido que nos dá esta grande unidade, que nos dá esta grande força. O respeito, a fraternidade e amizade que nos ligam são tão grandes que somos capazes de dar a vida uns pelos outros. E não apenas uns pelos outros mas pela nossa classe, a classe operária, a classe que deu vida ao nosso Partido e que é a razão da nossa existência. Nós, comunistas, somos capazes de dar a vida pelo nosso povo porque a ele estamos ligados por todas as nossas organizações e por cada um dos nossos militantes.



ARRAMENTO DO IX CONGRESSO NO BARREIRO



● Os nossos Pioneiros as nossas crianças

Camaradas, queria também informar que entraram no nosso Congresso algumas centenas de Pioneiros que o foram cumprimentar. E, como era natural, o nosso Congresso recebeu bem os nossos Pioneiros. Mas não se tratou apenas de receber bem os nossos Pioneiros: é que na nossa causa, na nossa luta de comunistas portugueses, um dos grandes objectivos que temos é de assegurar às crianças, aos nossos filhos, um futuro melhor do que aquele que tiveram os seus pais. Um futuro de liberdade, de pão, um futuro em que o seu país seja livre, em que os homens sejam iguais, em que haja justiça social. Para que, camaradas, vivam numa sociedade melhor, na sociedade socialista e depois na sociedade comunista.

É pela felicidade destas crianças, camaradas, que nós lutamos.



trabalhadores

linhar resultado do nosso
intervém... das liberdades
regime de... consagrado na
maneiras
ção das...: é a greve,
o que est... início faz parte
vontade...: é uma
de port... estão com as
enfendê... uma forma de luta
mplicar.

Portugal são elas próprias
m na nos... Quando os
uma ofer... não violenta como
conquista... continuam a semear,
gado, a... que há já mais
reservas... da GNR, de
bem que... primeira vez na
u-se um... de luta dos
rmações... que se deram na
essas gra... conquistadas que são
Agrária, a... bela conquista da



● As moções de censura

Quando, nas grandes manifestações do 1.º de Maio, os trabalhadores exigiram «Mota Pinto para a rua!», houve quem dissesse que Mota Pinto estava com os pés tão sólidos que iria até 1980...

Mas vejamos qual é a situação.

Se o Partido Socialista não faltar à sua palavra, amanhã entrarão duas moções de censura na Assembleia da República — uma comunista e outra socialista.

(...) Nós consideramos aprovar a moção deles e eles consideram aprovar a nossa.

Ora, se o governo tiver duas moções de censura e tiver um bocadinho de vergonha (ele já não a tem, mas se tivesse um bocadinho de vergonha), das duas uma: ou o Presidente da

República exonerava o Primeiro-Ministro ou Mota Pinto pediria a sua demissão ao Presidente da República.

Mas como nós, camaradas, não estamos certos que ele tenha vergonha, não estamos certos que ele caia com a aprovação das duas moções de censura. E se não cair, não é obrigado a demitir-se com essa aprovação: constitucionalmente, será preciso que pelo menos outra moção de censura, num prazo que não pode ser menor do que trinta dias, seja aprovada na Assembleia. Nessa altura é que tem mesmo de se ir embora, queira ou não queira.

Se com estas duas moções de censura o governo não se demitir, dentro de um mês apresenta-se outra moção e então é que ele não pode mesmo continuar em funções!

● O «projecto-lei Gonelha»

O nosso Congresso deu a máxima importância à derrota das manobras divisionistas: é necessário fazer fracassar a tentativa que está em curso para fazer aprovar na Assembleia da República uma lei, o chamado «projecto-lei Gonelha» que tem em vista liquidar a liberdade sindical e atingir gravemente a CGTP. Pensamos que é necessário fazer um grande esforço para impedir a passagem desta lei.

E nós perguntamos, camaradas, perguntamos não aos nossos camaradas mas aos socialistas, aos simpatizantes do Partido Socialista, aos trabalhadores eleitores do Partido Socialista: estarão porventura os trabalhadores que votaram no Partido Socialista ou que têm estado com o Partido Socialista, estarão de acordo que o seu partido vá, juntamente com os partidos representantes do grande capital e dos agrários, com o CDS, com o PPD, aprovar na Assembleia uma lei que visa destruir a liberdade sindical? Estão de acordo em que o seu partido se ponha de acordo com a CIP, com a CAP, com Sá Carneiro e Freitas do Amaral? Nós estamos certos de que qualquer trabalhador socialista, por muito diferente que seja a sua opinião da nossa opinião de comunistas, por muito diferente que seja o seu projecto político do nosso projecto político de comunistas, se tem ainda a sua consciência de classe, se tem o brio de trabalhador na sua ideia e no seu coração, nunca poderá aprovar que o seu partido vá com o CDS, vá com o PPD, com os partidos do patronato, aprovar uma lei contra os trabalhadores e contra a liberdade sindical: estamos certos de que apoiará a nossa posição de comunistas na luta contra a aprovação dessa lei.



● Patriotismo e internacionalismo

Nós, comunistas portugueses — e isso bem o mostrou o nosso Congresso —, voltámos todas as nossas energias, toda a nossa capacidade organizativa, toda a nossa imaginação; toda a nossa força organizada, toda a nossa capacidade de intervenção para a solução dos problemas nacionais, para a libertação dos trabalhadores do nosso País, para a independência da nossa pátria. Nós, os comunistas portugueses, existimos, vivemos, lutamos apenas porque queremos servir o nosso povo e a nossa pátria. Creio que ninguém em Portugal pode mais legitimamente que os comunistas invocar o nome de patriotas. Somos patriotas e orgulhamo-nos de ser patriotas. Queremos o bem do nosso povo e da nossa pátria e estamos prontos a dar a vida pelo bem do

nosso povo e da nossa pátria.

Mas jamais esqueçamos que a luta do nosso povo se insere na luta de todos os povos do mundo. Que é necessária a amizade e a solidariedade dos trabalhadores e de todos os povos na luta contra o inimigo comum, contra a reacção internacional, e por isso não separamos os nossos deveres nacionais dos nossos deveres internacionalistas. E apesar das muitas pressões que procuram exercer sobre o nosso Partido, nós sempre fomos e seremos amigos sinceros da União Soviética e dos outros países socialistas, amigos sinceros da classe operária dos outros países, amigos sinceros dos movimentos de libertação, e estaremos sempre prontos a ser activamente solidários para com a sua luta.



Delegações estrangeiras ao IX Congresso falam ao «Avante!»

A presença no IX Congresso do PCP de inúmeras delegações de partidos irmãos e outros movimentos e organizações progressistas constitui uma significativa prova de solidariedade para com o PCP e a Revolução Portuguesa. Constituiu também uma rara oportunidade para os comunistas e o povo português tomarem contacto mais de perto com as realidades de países e zonas do mundo das quais, por vezes, as únicas informações de que dispomos são as veiculadas pelos canais da propagação imperialista. Impunha-se, pois, ouvir esses amigos que vieram de longe, trazendo consigo a sua fraternal solidariedade mas com os quais os comunistas e o povo português estão também profundamente solidários. Das conversas travadas com alguns deles por redactores do «Avante!» damos a seguir um breve resumo.



Ghulam Salarzai Partido Popular Democrático do Afeganistão

Ghulam Salarzai, membro do Comité Regional do Partido Popular Democrático do Afeganistão.
 — Há uma sistemática campanha propagandística do imperialismo tentando dar ao Afeganistão a imagem de um país a braços com uma séria contestação popular. Que se passa realmente? — A revolução de 27 de Abril de 1978 foi uma revolução popular, que entregou o poder ao povo, e apesar de ter pouco mais de um ano de existência alterou já por completo as condições de vida do povo afgão, através da Reforma Agrária, da luta contra o analfabetismo, da abertura de escolas e universidades. É evidente que um povo não luta contra um governo que é seu, um governo que concretiza as mais sentidas reivindicações populares. Assim, poderemos afirmar, digamos, que 98% da população apoia o processo revolucionário. Os inimigos da revolução são em número muito restrito, e na sua maioria saíram do país, actuando em muitos casos como agentes de facto do imperialismo. Quem luta contra a revolução afgã não é o nosso povo. É o imperialismo. São as forças reacçãoárias do Paquistão e do Irão que têm o exemplo que o processo revolucionário em curso no nosso país constitui para os seus próprios povos. Por isso, a CIA, a propaganda ocidental, a BBC, desenvolvem esta continuada campanha de calúnias, de deformação da realidade no Afeganistão. Na verdade não existem os problemas internos que tal propaganda caluniosa anuncia. Mas também não seria de esperar que países que têm — eles sim — tantos problemas internos, fossem anunciar aos seus povos os nossos êxitos. Enquanto eles fazem a sua propaganda nós construímos. E isso sabe-o bem o nosso povo. A ofensiva propagandística contra nós, somam-se as ameaças de invasão, frequentes incursões no nosso território, que têm recebido sempre, e continuarão a receber, a devida resposta. — Poderias dar-nos alguns elementos concretos relativos aos êxitos alcançados desde a revolução? — Sob a direcção do Partido Popular Democrático do Afeganistão e do seu dirigente Noor Mohammad Taraki, secretário-geral do Partido e presidente do Conselho Revolucionário, estamos a construir uma sociedade sem exploração do homem pelo homem. A nossa palavra de ordem inicial era: «Dar a todo o nosso povo comida, vestuário e casa». Nesse domínio já conseguimos muito. Agora que temos o poder político, que libertámos os 14 000 presos políticos que existiam no nosso país, estamos empenhados na revolução socio-económica e cultural. Lançamos uma campanha generalizada contra o analfabetismo, abrimos muitas novas escolas. A Universidade de Kabul, que antes da revolução contava com cerca de dois mil estudantes, tem agora treze mil. Os sucessivos decretos do Conselho da Revolução dão-nos uma ideia das transformações em curso. O decreto n.º 6 libertou 11 milhões de camponeses das dívidas aos senhores feudais. O decreto n.º 7 atribuiu iguais direitos a homens e mulheres. O decreto n.º 8 — o mais importante — entregou a terra a quem a trabalha, destruindo assim a estrutura económica feudal que sufocava o país. Esta medida — base da Reforma Agrária — abriu a mais de 87% da população do país, que se dedicava ao trabalho no campo, perspectivas radicalmente novas de vida. Actualmente lançamos também as bases da indústria, tanto da indústria pesada como da ligeira. — Quais dizer-nos uma palavra sobre o Congresso do PCP? — Não sei se haverá forma de exprimi-lo que sinto: estou aqui como em casa!

Abdula Saeed
 Membro do CC da Frente Nacional Democrática do Irão

— Quais os objectivos das interferências imperialistas no Irão, quais os seus reflexos no Norte do país? — O imperialismo, e em especial os Estados Unidos dão particular atenção à interferência nos assuntos do Irão e utilizam fundamentalmente duas tácticas para conseguir os seus objectivos — destruir a oposição democrática ao regime reacçãoário do Norte, destruir o regime progressista no Sul.
 Desde 1977 que se operaram algumas modificações, em sentido negativo, no Norte: as forças militares prepararam um plano para aniquilar as forças progressistas. Foram anunciadas mais de 50 condenações à morte — entre operários e camponeses, oficiais progressistas, alguns cadetários entre os tão poucos que existem no Irão e do próprio ministro do Trabalho e Assistência Social, Abdul Salam Mokbel. Há 3 meses havia mais de 7 mil prisioneiros políticos — entre os quais ex-ministros, dirigentes sindicais, médicos, jornalistas. Muitos deles foram utilizados como moeda de troca pelo Norte nas negociações com o Sul. Mas os mais responsáveis continuam presos. Quando condenam uma democrata, prendem a sua família — mulheres grávidas, velhos, crianças de doze anos, seja quem for. O regime reacçãoário destrói aldeias, ataca camponeses do sul que vivem junto à fronteira, mata e tortura para infundir o terror.

— Qual a importância, no contexto actual, da solidariedade internacional? — Em consequência da solidariedade internacional, um certo número de presos já foram libertados. Recebemos apoio de vários países, nomeadamente dos socialistas, da URSS e dos regimes revolucionários. A solidariedade internacional é muito importante para nós e para o reforço da luta do nosso povo. Constitui uma preciosa ajuda.

Tram Huu Duc
 Membro do CC do Partido Comunista do Vietnam e Procurador Geral da República

— Todos sabemos da heróica vitória do vosso povo sobre o imperialismo norte-americano. Mas entretanto pouco se conhece sobre as sequelas deixadas pela guerra, sobre o laborioso processo de reconstrução, que ataques fomentados ou directamente dirigidos do Pequim impedem que se torne a única tarefa nacional no Vietnam. Quais foram os problemas que tiveram que superar? — A herança deixada pela política imperialista e neo-colonialista dos EUA foi uma pesada herança: 1 milhão de drogados, 100 000 prostitutas, grande número de desempregados, parasitas do aparelho de Estado do ocupante norte-americano, mais de um milhão de funcionários do regime-fantoches e seus familiares, mais de um milhão de soldados do Exército fantoches. Problemas a que se juntavam o das terras abandonadas, queimadas com desfolhantes, gado morto, estradas minadas, vias de comunicação destruídas. Na cidade de Ho Chi Minh, antiga Saigão, os problemas eram particularmente agudos: profundas destruições praticadas pelas tropas ocupantes durante a retirada, uma indústria ligeira completamente dependente das importações de matérias-primas que foram imediatamente cortadas (característica de uma economia marcada pelo neocolonialismo), uma cidade completamente dependente dos fornecimentos de Washington, e que foram igualmente cortados.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

Abdul Al-Saroori
 Membro do CC do Partido Socialista lementita (Irém do Sul)

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

Tesfaye Makonen
 Membro do Bureau Político do Governo Militar Administrativo Provisório da Etiópia Socialista

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

A. Koavari
 Membro do CC e director do órgão central do Partido Tudeh do Irão

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

Ahmad Sadek
 Organização de Libertação da Palestina

— Para compreender a situação do povo palestino, é também preciso saber onde vive, porque está disperso, que condições lhe são impostas pelo ocupante israelita, como luta contra tais condições, pelo seu direito a uma pátria. Que nos podes dizer sobre isto? — Actualmente há 4 milhões e meio de palestinos — 2 milhões e meio em território ocupado, 1 milhão 250 mil na Jordânia, 500 mil no Líbano, 250 mil na Síria, 300 mil no Kuwait, 150 mil na América Latina. Na Jordânia e no Kuwait representamos 60% da população. Em 1948, quando da consolidação do Estado de Israel, havia aqui 1 milhão e 250 mil palestinos. Israel tudo fez para expulsar o povo palestino: foram expulsos à força mais de 500 mil; Israel facilitou a emigração; confiscou terras aos camponeses palestinos; proibiu a entrada dos nossos jovens na universidade; a falta de auxílio e os preços impostos aos produtos levaram os camponeses a abandonar as terras por falta de rentabilidade; foi recusada e mantêm-se a ausência total de liberdades democráticas.

— Como se manifestam os esforços da reacção nacional e internacional contra a revolução iraniana? — Por um lado, assiste-se à ampliação da actividade contra-



— Todos sabemos da heróica vitória do vosso povo sobre o imperialismo norte-americano. Mas entretanto pouco se conhece sobre as sequelas deixadas pela guerra, sobre o laborioso processo de reconstrução, que ataques fomentados ou directamente dirigidos do Pequim impedem que se torne a única tarefa nacional no Vietnam. Quais foram os problemas que tiveram que superar? — A herança deixada pela política imperialista e neo-colonialista dos EUA foi uma pesada herança: 1 milhão de drogados, 100 000 prostitutas, grande número de desempregados, parasitas do aparelho de Estado do ocupante norte-americano, mais de um milhão de funcionários do regime-fantoches e seus familiares, mais de um milhão de soldados do Exército fantoches. Problemas a que se juntavam o das terras abandonadas, queimadas com desfolhantes, gado morto, estradas minadas, vias de comunicação destruídas. Na cidade de Ho Chi Minh, antiga Saigão, os problemas eram particularmente agudos: profundas destruições praticadas pelas tropas ocupantes durante a retirada, uma indústria ligeira completamente dependente das importações de matérias-primas que foram imediatamente cortadas (característica de uma economia marcada pelo neocolonialismo), uma cidade completamente dependente dos fornecimentos de Washington, e que foram igualmente cortados.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

Tram Huu Duc
 Membro do CC do Partido Comunista do Vietnam e Procurador Geral da República

— Todos sabemos da heróica vitória do vosso povo sobre o imperialismo norte-americano. Mas entretanto pouco se conhece sobre as sequelas deixadas pela guerra, sobre o laborioso processo de reconstrução, que ataques fomentados ou directamente dirigidos do Pequim impedem que se torne a única tarefa nacional no Vietnam. Quais foram os problemas que tiveram que superar? — A herança deixada pela política imperialista e neo-colonialista dos EUA foi uma pesada herança: 1 milhão de drogados, 100 000 prostitutas, grande número de desempregados, parasitas do aparelho de Estado do ocupante norte-americano, mais de um milhão de funcionários do regime-fantoches e seus familiares, mais de um milhão de soldados do Exército fantoches. Problemas a que se juntavam o das terras abandonadas, queimadas com desfolhantes, gado morto, estradas minadas, vias de comunicação destruídas. Na cidade de Ho Chi Minh, antiga Saigão, os problemas eram particularmente agudos: profundas destruições praticadas pelas tropas ocupantes durante a retirada, uma indústria ligeira completamente dependente das importações de matérias-primas que foram imediatamente cortadas (característica de uma economia marcada pelo neocolonialismo), uma cidade completamente dependente dos fornecimentos de Washington, e que foram igualmente cortados.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

Abdul Al-Saroori
 Membro do CC do Partido Socialista lementita (Irém do Sul)

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

Tesfaye Makonen
 Membro do Bureau Político do Governo Militar Administrativo Provisório da Etiópia Socialista

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

A. Koavari
 Membro do CC e director do órgão central do Partido Tudeh do Irão

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

Ahmad Sadek
 Organização de Libertação da Palestina

— Para compreender a situação do povo palestino, é também preciso saber onde vive, porque está disperso, que condições lhe são impostas pelo ocupante israelita, como luta contra tais condições, pelo seu direito a uma pátria. Que nos podes dizer sobre isto? — Actualmente há 4 milhões e meio de palestinos — 2 milhões e meio em território ocupado, 1 milhão 250 mil na Jordânia, 500 mil no Líbano, 250 mil na Síria, 300 mil no Kuwait, 150 mil na América Latina. Na Jordânia e no Kuwait representamos 60% da população. Em 1948, quando da consolidação do Estado de Israel, havia aqui 1 milhão e 250 mil palestinos. Israel tudo fez para expulsar o povo palestino: foram expulsos à força mais de 500 mil; Israel facilitou a emigração; confiscou terras aos camponeses palestinos; proibiu a entrada dos nossos jovens na universidade; a falta de auxílio e os preços impostos aos produtos levaram os camponeses a abandonar as terras por falta de rentabilidade; foi recusada e mantêm-se a ausência total de liberdades democráticas.

— Como se manifestam os esforços da reacção nacional e internacional contra a revolução iraniana? — Por um lado, assiste-se à ampliação da actividade contra-



No "restaurante internacional" destinado às delegações estrangeiras, cada relação constituiu o pretexto para emocionantes e entusiasmadas manifestações de amizade internacionalista



Abdul Al-Saroori Membro do CC do Partido Socialista lementita (Irém do Sul)

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.

— Qual a origem e os objectivos dos conflitos entre os dois Estados lementites? — O presente conflito entre os dois Irãs é consequência da interferência do imperialismo e dos regimes reacçãoários da zona e tem dois objectivos principais: fazer tudo para impedir a unificação das duas partes do país que o Partido Socialista lementita leva a cabo; e destruir o regime progressista do Sul.



Álvaro Cunhal na Festa da Alegria na tarde do próximo dia 16

O secretário-geral do Partido Comunista Português, camarada Álvaro Cunhal, tomará a palavra no grande comício a realizar na tarde do dia 16 de Junho...

Internacional da Criança e as obras literárias de Alves Redol, de Camilo Castelo Branco do ensaísta Vítor Sá...

Já estão asseguradas excursões em muitos concelhos da área da ORN para assegurar o transporte para Braga...

BRAGA 15 a 17 de JUNHO PARQUE MUNICIPAL DE EXPOSIÇÕES Festa da Alegria



De Lisboa a Braga

A fim de proporcionar a participação na Festa da Alegria de todos os camaradas e amigos da região de Lisboa que desejem ir a Braga, está organizada uma excursão em autocarros...

Ensino Secundário e Superior Eleições associativas confirmam reforço da corrente progressista Vitória na Universidade do Minho

O período de eleições actualmente em curso, em particular na Universidade, está a constituir uma poderosa afirmação de unidade democrática, de luta, de intervenção e de firmeza da massa estudantil...

O período de eleições associativas está também a constituir uma poderosa afirmação de luta, de intervenção e de firmeza da massa estudantil...

Muitos exemplos

Na base de um trabalho coerente, orientado para os assuntos específicos e para a análise da realidade concreta de cada escola, os estudantes progressistas...

Instituto Superior Técnico

A lista de unidade democrática conseguiu na primeira volta alcançar o segundo lugar, tendo recolhido 557 votos, contra 1085 da JSD e dos socialistas...

Numa das últimas edições do 'Avante!' falámos das vitórias alcançadas no Ensino Superior, tendo sublinhado os casos de Direito, Medicina, ISCTE e Instituto Superior de Economia (Lisboa)...

Médicos comunistas de Porto denunciam manobras da Ordem

O Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos insiste na sua tendência para, a coberto da defesa dos interesses da classe, utilizar e instrumentalizar os médicos...

Entretanto, agitando espantinhos retirados do arsenal daquela estrutura corporativa («funcionalização», «certificação», e outros), o Conselho Regional do Norte visa...

A direcção da Ordem dos Médicos cumpre assim o papel que a reacção lhe atribuiu na ofensiva global contra a democracia e o progresso social...

Pelo seu conteúdo ambíguo, acrescenta o comunicado, o referido decreto suscitou naturais dúvidas e incompreensões por parte dos médicos...

Não é por acaso que o presidente da Ordem, Gentil Martins, elogiou há dias, na TV, o Governo Mota Pinto e, no Norte, o Conselho Regional faz uma grande algazarra...

A terminar, o documento propõe um amplo debate acerca dos problemas da classe e apela aos médicos para que recusem a instrumentalização dos que nada mais querem do que defender os interesses de uma dúzida de tubarões da medicina...

Excursão da UJC e UEC a Itália Visitas a Milão (Festa do 'Unitá') Florença e Modena Tudo 10 000\$00!

Constitui uma ocasião única de viajar até Itália esta oportuna iniciativa conjunta da UJC e UEC, que proporcionarão a um grupo de 118 pessoas a visita à Festa do 'Unitá'...

Mais de mil contos...

A Campanha de Fundos promovida pela UEC chegou ao fim e para se ter uma ideia do seu grande êxito basta dizer que a meta proposta pela Comissão Central (mil contos) foi ultrapassada...

Uns dias de praia campo e amizade Querem saber como é?

O 'Avante!' da semana passada já se referiu a esta iniciativa. Hoje temos mais informações e pormenores. Assim, primeiro que tudo, falemos de trabalho...

Uma revelação

Está já elaborado (havendo perspectivas de se melhorar e ampliar) o programa de âmbito cultural, desportivo e recreativo para os participantes no acampamento...

Festa da Unidade em S. Domingos de Rana

É já no próximo fim-de-semana, dias 9 e 10 de Junho, que se realiza em S. Domingos de Rana, no Seminário Torre da Agulha...

Festa na Amadora

Um exemplo do ano passado, a Comissão de Freguesia da Amadora vai a comemorar...

Semana

29 Terça-feira 1958 - Morre com 76 anos o poeta espanhol Juan Ramón Jiménez, prémio Nobel em 1956 e autor do famoso «Platero e Yo».



Forças militares de Israel bombardeiam com granadas de artilharia e foguetes a zona da cidade de Tiro, controlada por palestinos...

30 Quarta-feira 1778 - Morre o filósofo francês François Marie Arouet, Voltaire.

Guerrilheiros sandinistas e tropas do ditador Somoza enfrentam-se com armas pesadas nas cidades nicaraguenses de León e Rivas...

31 Quinta-feira 1947 - Os comunistas italianos são excluídos do governo.

As grandes potências ocidentais e o Banco Mundial assentam num programa de auxílio à Turquia num total superior a 1,45 biliões de dólares...

1 Sexta-feira 1921 - É fundado o Partido Comunista da China.



Prosseguem os combates na Nicarágua entre os guerrilheiros sandinistas e a Guarda Nacional do ditador Somoza...

2 Sábado 1961 - É assinado um tratado de Assistência Técnica entre Cuba e a URSS.



Um comando da Frente Sandinista de Libertação Nacional assalta a emissora 'Radio Minuto', em Manágua, transmitindo um comunicado contra a ditadura...

3 Domingo 1940 - As tropas inglesas retiram de Dunquerque, durante a II Guerra Mundial.

Começam em Itália as eleições gerais antecipadas para a eleição de um novo Parlamento...

4 Segunda-feira 1944 - Tomada de Roma; queda de Mussolini.

Um golpe de Estado militar no Gâmbia é executado com sucesso sob a chefia de um tenente da Força Aérea...

5 Terça-feira 1967 - Israel invade o Egípto, a Síria e a Jordânia; é a 'guerra dos seis dias'.

A União Soviética propõe que os governos soviético e chinês iniciem este Verão em Moscovo conversações formais destinadas a normalizar as relações bilaterais...

Actividades do Partido

Festa do Povo em Odemira - É já no próximo fim-de-semana, em Odemira, que se realiza a Festa do Povo...

Agenda

Dia 8, Sexta-feira Venda do Pinheiro, às 21 e 30, sessão de esclarecimento com o camarada Dias Lourenço...



O novo Comité Central e os seus órgãos executivos

Membros efectivos

Abílio Martins
Operário metalúrgico: 46 anos de idade

Adelino Pereira da Silva
Operário metalúrgico: 40 anos de idade

Albano Freire Nunes
Intelectual: 38 anos de idade

Álvaro Augusto Velga de Oliveira
Engenheiro civil: 50 anos de idade

Álvaro Cunhal
Licenciado em Direito: 65 anos de idade

Américo Lázaro Leal
Operário corticeiro: 57 anos de idade

Ângelo Matos Mendes Veloso
Intelectual: 48 anos de idade

António Dias Lourenço da Silva
Operário: 64 anos de idade

António Joaquim de Azevedo Ferreira Lopes
Empregado: 32 anos de idade

António Joaquim Gervásio
Operário agrícola: 52 anos de idade

António dos Santos Murteira
Engenheiro téc. agrícola: 31 anos de idade

António Santo
Operário metalúrgico: 51 anos de idade

António dos Santos Graça
Empregado: 40 anos de idade

Armando C. Morais de Oliveira
Operário metalúrgico: 33 anos de idade

Armando Monteiro Nogueira
Operário metalúrgico: 32 anos de idade

Artur José Vidal Pinto
Operário químico: 32 anos de idade

Aurélio Monteiro dos Santos
Publicista: 48 anos de idade

Carlos Alfredo de Brito
Empregado de escritório: 46 anos de idade

Carlos Augusto Pinhão Correia
Empregado: 53 anos de idade

Carlos Campos Rodrigues Costa
Intelectual: 51 anos de idade

Carlos H.S. de Abolm Inglês
Intelectual: 49 anos de idade

Carlos Luís Figueira
Empregado: 34 anos de idade

Carlos Manuel Ferreira da Paz Ramildes
Operário químico: 30 anos de idade

Conceição Pereira Carlos
Operária agrícola: 39 anos de idade

Diniz Fernandes Miranda
Operário agrícola: 50 anos de idade

Domingos Abrantes Ferreira
Operário: 43 anos de idade

Edgar Maciel Almeida Correia
Engenheiro electrotécnico: 34 anos de idade

Ernesto dos Santos Afonso
Operário serralheiro mecânico: 29 anos de idade

Eugénio Baeta Ribeiro Pisco
Operário metalúrgico: 27 anos de idade

Fernando Blanqui Teixeira
Engenheiro químico industrial: 57 anos de idade

Fernando das Neves Teixeira
Operário: 35 anos de idade

Francisco José de Almeida Lopes
Operário electricista: 23 anos de idade

Francisco Miguel Duarte
Operário: 71 anos de idade

Francisco do Rosário Maia Lancinha
Operário ferroviário: 44 anos de idade

Georgette de Oliveira Ferreira
Operária têxtil: 53 anos de idade

Henrique Florentino Pacheco das Neves
Operário metalúrgico: 23 anos de idade

Hipólito Fialho dos Santos
Operário metalúrgico: 39 anos de idade

Horácio José Cecílio Rufino
Empregado: 28 anos de idade

Ilídio Dias Esteves
Operário: 55 anos de idade

Jaime dos Santos Serra
Operário: 58 anos de idade

Jaime de Sousa Félix
Operário: 39 anos de idade

Jerónimo Francisco Lopes Pereira de Castro
Operário: 41 anos de idade

Joaquim Gomes dos Santos
Operário vidreiro: 62 anos de idade

Joaquim Jorge Alves Araújo
Publicista: 42 anos de idade

Joaquim Pires Jorge
Operário: 71 anos de idade

José Alves Tavares Magro
Empregado: 59 anos de idade

José Carlos Almeida
Empregado: 47 anos de idade

José Manuel Mendonça de Oliveira Bernardino
Intelectual: 44 anos de idade

José Nogueira da Silva Casanova
Operário: 40 anos de idade

José Pedro Correia Soares
Operário: 29 anos de idade

José Rodrigues Vitoriano
Operário: 61 anos de idade

José Teodósio Cachôchas
Operário metalúrgico: 33 anos de idade

Manuel Martins Pedro
Empregado de seguros: 47 anos de idade

Manuel Sobral Antunes Pereira
Empregado de escritório: 35 anos de idade

Manuel Vasco da Costa Ferreira Paiva
Empregado de escritório: 28 anos de idade

Maria Alda Barbosa Nogueira
Intelectual: 56 anos de idade

Maria Helena Guimarães Medina
Intelectual: 28 anos de idade

Maria Margarida Carmo Tengarrinha
Intelectual: 51 anos de idade

Maria da Piedade Morgadinho Monteiro dos Santos
Intelectual: 46 anos de idade

Maria Rosa Monteiro Rabiais
Empregada bancária: 26 anos de idade

Marília Pereira Morais Vilaverde Cabral
Empregada de escritório: 36 anos de idade

Moisés Belo Calado
Operário agrícola: 32 anos de idade

Octávio Floriano Rodrigues Pato
Empregado: 54 anos de idade

Rosa de Oliveira Dias
Operária têxtil: 23 anos de idade

Sérgio de Matos Vilarigues
Operário: 64 anos de idade

Severiano Pedro Falcão
Operário: 56 anos de idade

Óscar Luso de Freitas Lopes
Professor catedrático da Faculdade de Letras do Porto: 61 anos de idade

Raimundo do Céu Cabral
Operário agrícola: 31 anos de idade

Raimundo Pedro Narciso
Intelectual: 40 anos de idade

Rogério Rodrigues de Carvalho
Empregado de seguros: 59 anos de idade

Sofia de Oliveira Ferreira Santo
Operária: 57 anos de idade

Zita Maria Seabra Roselro
Intelectual: 30 anos de idade

Secretário Geral

Álvaro Cunhal

Comissão Política

Álvaro Cunhal	Blanqui Teixeira
António Dias Lourenço	Jaime Serra
António Gervásio	Joaquim Gomes
Carlos Brito	José Vitoriano
Carlos Costa	Octávio Pato
Diniz Miranda	Sérgio Vilarigues
Domingos Abrantes	

Suplentes

Ângelo Veloso
José Casanova
Raimundo Cabral

Secretariado

Álvaro Cunhal	Jorge Araújo
Carlos Costa	Octávio Pato
Blanqui Teixeira	Sérgio Vilarigues
Joaquim Gomes	

Suplente

Jaime Félix



Os três camaradas chamados aos organismos executivos do Comité Central após o IX Congresso: da esquerda para a direita, José Casanova e Raimundo Cabral, suplentes da Comissão Política, e Jaime Félix, suplente do Secretariado

Membros suplentes

Agostinho Nuno de Azevedo Ferreira Lopes
Engenheiro químico: 34 anos de idade

Américo Dias Valente
Operário: 32 anos de idade

António Augusto Carichas Albuquerque
Empregado de escritório: 32 anos de idade

António Fernandes Martins Coelho
Empregado: 38 anos de idade

António José Anacleto
Pequeno agricultor e assalariado agrícola: 45 anos de idade

António José de Brito
Operário electricista: 34 anos de idade

António José Casmarrinha
Operário: 31 anos de idade

António José Orcinha Rodrigues
Operário soldador: 39 anos de idade

António da Silva Lopes
Operário metalúrgico: 42 anos de idade

António Simões Abreu
Engenheiro químico: 31 anos de idade

Augusto de Oliveira Sousa
Operário: 32 anos de idade

Augusto da Silva Carreto
Operário agrícola: 25 anos de idade

Avelino Martins da Fonseca
Operário 34 anos de idade

Avelino Pacheco Gonçalves
Empregado: 39 anos de idade

Branca Maria da Cruz Carvalho
Empregada: 26 anos de idade

Carlos Alberto do Vale Gomes Carvalhas
Economista: 37 anos de idade

Carlos Eusébio Cristóvão Pereira
Operário: 33 anos de idade

Carlos Victor Marques Durão
Licenciado em Filosofia das Ciências: 34 anos de idade

César Manuel Cavalheiro Roussado
Empregado: 33 anos de idade

Deolinda Leal dos Santos
Empregada de escritório: 27 anos de idade

Diamantino José Dias
Operário metalúrgico: 28 anos de idade

Domingos Oliveira Dias
Operário serralheiro: 25 anos de idade

Ercília Talhadas
Operária química: 31 anos de idade

Euclides Fernandes Pereira
Empregado de escritório: 38 anos de idade

Fernando Esteves Vicente
Engenheiro civil: 37 anos de idade

Francisco Rodrigues Lobo
Operário metalúrgico: 47 anos de idade

Helder da Silva Nobre Madeira
Empregado de Escritório: 39 anos de idade

Henrique José Carvalho de Sousa
Empregado de escritório: 28 anos de idade

Hermenegilda Rosa Camolas Pacheco Pereira
Operária: 41 anos de idade

Hilário Manuel Marcellino Teixeira
Operário: 26 anos de idade

Jerónimo Carvalho de Sousa
Operário metalúrgico: 32 anos de idade

João Maria de Andrade Fernandes da Fonseca
Empregado bancário: 40 anos de idade

João de Matos Bernardino
Empregado bancário: 31 anos de idade

Joaquim Augusto Nunes Pina Moura
Intelectual: 27 anos de idade

Joaquim Fernando Gorjão Duarte
Empregado de escritório: 37 anos de idade

Jorge Manuel Sarlo de Matos
Professor do ensino primário: 33 anos de idade

José Augusto Esteves
Empregado de escritório: 31 anos de idade

José Batista Mestre Coelho
Operário agrícola: 31 anos de idade

José Bento Paleta Fernandes
Operário metalúrgico: 31 anos de idade

José Cavaco
Engenheiro técnico de informática: 38 anos de idade

José Luís Correia da Silva
Operário agrícola: 40 anos de idade

José Machado Moreira Rita
Operário agrícola: 37 anos de idade

José Manuel Aranha Figueiredo
Operário: 31 anos de idade

José Manuel Maia Nunes de Almeida
Operário metalúrgico: 34 anos de idade

José Vieira
Operário metalúrgico: 30 anos de idade

Júlio António Delaunay Filipe
Operário (montador electricista): 30 anos de idade

Lucínio Branco Amante Falé
Empregado: 35 anos de idade

Lúisa Araújo
Empregada de escritório: 31 anos de idade

Manuel Mendes Nobre Gusmão
Assistente da Faculdade de Letras de Lisboa: 33 anos de idade

Maria Fernanda de Sousa Barroso
Engenheira técnica: 33 anos de idade

Maria Rosa Viseu
Operária agrícola: 44 anos de idade

Maria Tereza de Azevedo Ferreira Lopes
Professora do ensino secundário: 27 anos de idade

Oswaldo Alberto Sarmento Castro
Professor do ensino secundário: 32 anos de idade

Rodrigo Manuel de Jesus Henriques
Operário vidreiro: 24 anos de idade

Rogério Francisco Arralolos
Operário agrícola: 41 anos de idade

Romeu Augusto Domingos Rosário
Ajudante técnico de laboratório: 39 anos de idade

Ruben Luís Tristão de Carvalho e Silva
Jornalista: 34 anos de idade

Sérgio Manuel de Sousa Teixeira
Operário tipógrafo: 28 anos de idade

Vitor José Cabrita Neto
Intelectual: 36 anos de idade

Vitor Luís Cabral de Castro
Operário: 38 anos de idade

Vitor Manuel Caetano Dias
Empregado de escritório: 33 anos de idade